



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

IGOR DANIEL DA SILVA LIMA

Automutilação na adolescência: uma intersecção psicanalítica com Morte Súbita

MACEIÓ – AL

2021

IGOR DANIEL DA SILVA LIMA

Automutilação na adolescência: uma intersecção psicanalítica com Morte Súbita

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus Simões.

Orientador Professor Drº Esperidião Barbosa Neto.

MACEIÓ – AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L732a Lima, Igor Daniel da Silva.
 Automutilação na adolescência : uma intersecção psicanalítica com Morte Súbita / Igor Daniel da Silva Lima. – 2021.
 57 f. : il. color.

Orientador: Esperidião Barbosa Neto.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 54-57.

1. Rowling, J. K, 1965- . Morte Súbita. 2. Automutilação - Adolescente. 3. Ferimentos e lesões. 4. Repetição (Psicanálise). I. Título.

CDU: 159.964.2+616.89-008.441.45

Dedico este trabalho a todos aqueles que já fizeram parte do grupo do *WhatsApp*, nomeado de *Family Depressed*. Grupo de alcance nacional, construído entre os anos de 2013 à 2015 e formado por adolescentes que por não saberem simbolizar a angústia sentida, transcrevia para o corpo, aquilo que não era possível pela via da palavra.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pois sei que sem Ele, não seria possível dar continuidade aos demais agradecimentos...

Aos meus pais: **Marivania Maria da Silva Lima** e **Rosival Ferreira Lima**, pessoas que além de me concederem o dom da vida, apoiaram em minha longa trajetória, especialmente minha mãe, pelo grande apoio emocional, de até quando eu mesmo não me entendia.

A professora Dr^a **Adélia Augusta Souto de Oliveira**, que abriu a minha mente para a junção da psicologia com a arte, seja ela visual ou escrita, mas que tudo faz parte de como nosso olhar é treinado para interpretar ou dar um novo sentido. Sendo ela, uma das pessoas que contribuiu para a escolha de como desenvolver esse trabalho.

A **Marcikele da Silva Nascimento**, pessoa que desde que conheci mostrou-se uma guerreira, e nos meus momentos de guerra na graduação eu não estava sozinho. Deu seu apoio de diversas maneiras, desde sorrisos estridentes a críticas construtivas, tanto para trabalho quanto para a vida, em reta final, foi minha ancora em meus surtos devido ao processo não criativo.

A **Raíssa Matos Ferreira**, pessoa que conheci aleatoriamente em um grupo de estudo e pesquisa na UFAL, mas que em diversos momentos exigiu de mim o mínimo/máximo, minha autenticidade. Pessoa que mesmo com os nervos a flor da pele, permanecia plena para poder acalmar, pessoa que foi de grande ajuda para desenvolver esse trabalho, pois mesmo não sendo de sua mesma epistemologia teórica, sempre se dispôs a se reunir e acalmar minhas tempestades mentais.

A **Maria Isabel Fernandes Calheiros**, **Vanessa Soares Ferry** e **Sarah Barros Lins**, pessoas maravilhas que conheci durante as minhas ações de extensão, foram pessoas essenciais para entender que a necessidade de falar vai para além de quatro paredes, ele se estende, quebra os muros, ganha as ruas, adentra no hospital e flui nas pessoas.

Ao grupo **Leitores Advertidos**, no qual pude conhecer pessoas incríveis que fizeram expandir meu repertório teórico em psicanálise, bem como melhor vislumbrar o futuro, pelo qual eu anseio. Mostrando que as pessoas são como textos, então basta ter calma para ler e compreendê-las.

Por último, porém não menos importante a **Esperidião Barbosa Neto**, pessoa simples, poética e acessível. Reabriu meus olhos para a psicanálise em 2017, e mostrou que todos os seres necessitam de escuta. Nessa etapa final, não somente confiou em mim, como também me escutou, quando minhas ideias ainda estavam bagunçadas, ajudando ordenar, estando junto para ler, comentar e construir junto, um trabalho que não é somente do aluno, mas do conjunto aluno-orientador.

*Quem me vê, vê nem bagaço
Do que viu quem me enfrentou
Campeão do mundo
Em queda de braço
Vida veio e me levou.*

(Trecho da música “O velho Francisco”, de Chico Buarque)

RESUMO

A adolescência aqui será vista como um período que vai para além das ressignificações de seus lutos corporais e identitários, ele será um tempo propício para elaborar também as suas aquisições. Todavia, nesses processos existe no sujeito que está a adolecer uma grande excitação psíquica, despertando no adolescente sentimentos de desprazer. Sabendo que pelo princípio do prazer, o sujeito irá buscar maneiras para que seja dispensado a dor e a excitação do sistema psíquico, aqui, iremos discutir não sobre esse, mas sobre o encontro falho nessa elaboração do princípio do prazer, algo que vai para o seu além, algo que para conseguir o prazer, possa passar pelo campo do sofrimento, a automutilação. O objetivo do trabalho será de refletir sobre os conceitos difundidos sobre a automutilação, bem como o de adolescência, e como estes se mesclam em um personagem criado pela escritora inglesa J.K. Rolling, Sukhvinder Jawanda. Será utilizado uma pesquisa bibliográfica, baseada nas publicações dos últimos cinco anos, bem como em matérias jornalísticas atuais e sanção de leis federais. Todavia, mesmo havendo um levantamento bibliográfico teremos 3 autores com títulos específicos para conduzir o trabalho, Freud, na psicanálise, Le Breton, na antropologia e JK Rolling na ficção. Com a retomada histórica, epistemológica e a ilustração com uma escritora criativa, foi possível alcançar o objetivo aqui proposto, bem como identificar suas limitações, fazendo possível sugerir a continuidade com o tema, levantando reflexões e deixando lacunas para serem futuramente preenchidas.

Palavras-chaves: Adolescência; Automutilação; Trauma; Repetição.

ABSTRACT

Adolescence will be seen here as a period that goes beyond the resignifications of their bodily and identity mourning, it will be a favorable time to also elaborate their acquisitions. However, in these processes, there is great psychic excitement in the teenager, awakening feelings of displeasure in the teenager. Knowing that through the pleasure principle, the subject will look for ways to dispense with the pain and excitement of the psychic system, here we will discuss not about this, but about the faulty encounter in this elaboration of the pleasure principle, something that goes to the its beyond, something that, in order to obtain pleasure, can pass through the field of suffering, self-mutilation. The objective of the work will be to reflect on the widespread concepts of self-mutilation, as well as that of adolescence, and how these blend into a character created by the English writer J.K. Rolling, Sukhvinder Jawanda. A bibliographical research will be used, based on publications of the last five years, as well as current journalistic matters and sanction of federal laws. However, even with a bibliographical survey, we will have 3 authors with specific titles to conduct the work, Freud, in psychoanalysis, Le Breton, in anthropology and JK Rolling in fiction. With the historical and epistemological retaking and the illustration with a creative writer, it was possible to reach the objective proposed here, as well as to identify its limitations, making it possible to suggest continuity with the theme, raising reflections and leaving gaps to be filled in the future.

Keywords: Adolescence; Self-mutilation; Trauma; Repetition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	14
Estrutura capitular	16
1. ADOLESCÊNCIA	18
1.1 Conceituando as adolescências	18
1.2 Adolescência e psicanálise	20
1.2.1 Uma psicanálise adolescente pioneira	20
1.2.2 Uma psicanálise adolescente atualizada	23
2. AUTOMUTILAÇÃO	26
2.1 Automutilação e sua historicidade	26
2.2 Automutilação e suas definições	27
2.3 Automutilação e adolescência	29
2.4 Automutilação no Brasil	32
3. AUTOMUTILAÇÃO: UMA INTERSECÇÃO COM MORTE SÚBITA	35
3.1 Um corpo “amorfo”	36
3.2 Cobranças do adolecer	40
3.3 Um corpo mutilado	45

INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser compreendida como um período de transição do estágio de criança a vida adulta. Ela é marcada por complexas demandas tanto em seu âmbito biológico, no qual teremos a puberdade com as transformações morfológicas, quanto psicossocial, que surge com a adolescência. Esses processos, são diferenciados, portanto não podem ser usados como sinônimos, e apesar de ocorrerem de forma simultânea em alguns casos, isto não é uma exigência. (AYUB; MACEDO, 2011; SEI, ZUANAZZI, 2016).

Para Yub e Macedo (2011), é na adolescência que haverá maior exigência do sujeito em suas questões psicológicas. Ele terá que lidar com as transformações corporais e socioculturais, exigindo de si uma ressignificação de identidade e garantindo passagem para ritos da vida adulta. Sei e Zuanazzi (2016), trazem a adolescência como uma etapa de luto do corpo infantil, da identidade que antes possuía enquanto criança, e agora, estão imersos em uma sociedade permeada de ausências. Ausências tamponadas pelo consumismo, desta forma, os adolescentes buscam maneiras de melhor adequar-se ao que o meio lhe proporciona. Nesse sentido, na sociedade líquida e contemporânea “se marcar” é uma forma de “obter a sua ‘marca’ no mundo de uma maneira lúdica, perto de si, com seu corpo” (LE BRETON, 2010, p.25).

Lopes e Teixeira (2019) dizem que é na adolescência que o jovem se desprende do universo familiar e começa a adentrar ao que a sociedade lhe oferece, tentando agora dar conta de suas cobranças. Todavia, ele, ao mesmo tempo que quer estar desprendido dos pais e do mundo, quer também de alguma forma se fazer singular. Em meio a isso, há nesse período uma tendência maior para o agir e ir além do uso do campo da palavra para significar aquilo que o angustia, resultando em alguns casos a transmissão desta angústia para o corpo, isto pois, será uma forma de o perceber como sendo seu.

Para Moreira (et al, 2020) a automutilação é um fenômeno que se inicia na adolescência, e sendo considerada como uma dificuldade para o desenvolvimento positivo da vida. Logo, podemos associar a entrada na adolescência como a instauração de um trauma que faz com que o jovem que está a “adolescer” entre em uma situação na qual ele não consegue elaborar. Assim como trazido por Barbosa Neto (2020), o trauma é algo de ordem externa, que invade o sujeito e o desestabiliza, provocando e exigindo dele um maior trabalho psíquico. Todavia, quando o sujeito, não consegue elaborar este trauma, esse recai para um sistema de repetição, o qual é

causador de seu sofrimento. Contudo, a repetição deste trauma ocorre a fim da busca incessante no sentido de encontrar uma saída de colocar no simbólico aquilo que ainda está fora do campo da linguagem, ou seja, o que ainda o angustia (BARBOSA NETO; ROCHA; 2015).

A adolescência, de acordo com o *site* da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2017), é uma época propícia para comportamentos desregrados, e uma dessas é a prática da autoagressão. Essa é tomada por ela como um distúrbio de comportamentos no qual o “paciente” reflete no corpo a incapacidade de lidar com os seus sentimentos. Por isso, o corpo será o destinatário da tristeza, raiva, angústia e nervosismo de viver um trauma. Ainda de acordo com a SBP, na tentativa de responder à questão “porquê os jovens se cortam?”, apontam que é uma forma de estar no controle da própria dor. E esta dor é mais fácil de ser manipulada, pois há no ato um controle no campo da pulsão de morte, porém, não do ponto de vista laborativo, como se é possível perceber no “Fort-dá”. Por isso, a SBP associa os atos “a sentimentos como impulsividade, instabilidade, dificuldade para falar sobre os próprios sentimentos, conflitos interpessoais, vergonha,” e “autocrítica exacerbada” (SBP, 2017).

Ainda no que tange sobre a automutilação em adolescentes, temos de acordo com os dados fornecidos pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos em 2019, que 1 a cada 5 jovens, já praticou alguma atitude de auto lesão sem intenção suicida. Contudo, mesmo havendo alguns dados já registrados, Henriques (2018), percebe que este ato deve ser compreendido sob diversas perspectivas, e tê-lo como um fenômeno da atualidade, recaindo assim como uma emergência de saúde mental. Desta forma, vemos que a automutilação tem ganhado espaço e garantindo sua legitimação (BRASIL, 2019b).

Assim, em 26 de abril de 2019 a Lei federal de nº 13.819/2019 instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, que tem por objetivo ser implementada pela união dos estados e o Distrito Federal, ações de cunho preventivo e de saúde mental. Ao mesmo tempo, altera a notificação compulsória respaldada na Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, a qual oferece cobertura de gastos aos indivíduos autolesionados. Passando agora a ser coberto pela Lei n. 6.259, de 30 de setembro de 1975, tratando-a como uma notificação de controle de “doenças transmissíveis”, sendo alvo de ação de vigilância epidemiológica, que tem por função o registro dos casos, e após, a implementação de programas visando a “imunização”, e “contágios dos agravos coletivos à saúde” (BRASIL, 1975; BRASIL, 1998; BRASIL, 2019a).

Todavia, mesmo sendo sancionada a Lei de nº13.819/2019, a mesma não assegurava aos sujeitos o cuidado de maneira oficializada. Para tanto, somente em 5 de fevereiro de 2020, pelo decreto de nº 10.225/2020, o comitê de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, regulamentou uma política nacional referente e específica aos casos, estabelecendo normas para as notificações compulsórias das violências autoprovocadas. Sendo agora dever do estado, promover de forma mais enfática a atenção e manutenção de saúde mental a esses sujeitos (BRASIL, 2019a. BRASIL, 2020)..

Deste modo, como fora exposto, a automutilação é um fenômeno atual e contemporâneo, vivenciado principalmente pelo público adolescente. Neste sentido, há necessidade de compreensão das questões subjetivas atreladas a este fenômeno. A atual pesquisa tem por objetivo refletir sobre os conceitos difundidos sobre a automutilação, bem como o de adolescência, e como estes se mesclam em um personagem ficcional. Para alcançar essa reflexão, fomos investigar alguns conceitos publicitados sobre a automutilação, bem como o de adolescência, e como estes se mesclam em um personagem criado pela escritora inglesa J.K. Rolling, Sukhvinder Jawanda, no livro Morte Súbita (2012).

Prontamente, a pesquisa irá possibilitar que haja uma compreensão de 4 conceitos principais: adolescência, automutilação, trauma e repetição. Os dois primeiros serão vistos sob diversas perspectivas, desde a médica à antropológica, enquanto os demais serão sob um olhar psicanalítico associado e discutido a partir da personagem do livro, proposta final de análise deste trabalho. Não obstante, será por meio das reflexões trazidas, proposto a existência da possibilidade de uma desestigmatização não somente do que é adolescência, mas principalmente do que é o fenômeno¹ da automutilação.

Diante do que foi exposto, e guiando-se nas conclusões de Henriques (2018), que explicita a existência de muitos estudos que discutem a automutilação em suas mais diversas perspectivas, sejam eles psicológicos, antropológicos, educacionais e médicos, ainda é necessário haver mais pesquisas sob outros olhares, mesmo que seja dentro de uma mesma perspectiva. Tendo isso e averiguando a escassez no que se refere a pesquisas que buscam compreender esse fenômeno associando a adolescência com os conceitos psicanalíticos de trauma e repetição, os quais podem vir a trazer significação a alguns atos auto infligidos por

¹ Esse termo aqui será usado para ilustrar o fato da possibilidade de ser um evento que é possível ser observável e estudado, e não em um padrão positivista, trazendo concepções descritivas, científicas e universais.

adolescentes. Aqui será desenvolvido uma escrita com esta associação, ou seja, adolescência, automutilação, trauma e repetição.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa se pautou em um estudo de abordagem qualitativa, um processo “indutivo e que faz o pesquisador gerar significado a partir do recolhimento de dados” (CRESWELL, 2007, p.27). Nessa perspectiva, a abordagem é um modelo fundamentalmente interpretativo, ou seja, o pesquisador analisa e interpreta seus achados. Através deste modelo é possível observar fenômenos sociais de forma holística, dispensando as microanálises e situando um estudo sob diversas perspectivas. É o que pensa Flick (2013, p. 93): “a pesquisa qualitativa tem como objetivo oferecer uma descrição ou avaliação, ou o desenvolvimento de uma teoria” a ponto de, por isso, entendemos esse procedimento como um componente da relação entre pesquisador-pesquisado, o que guia e direciona todo o restante da pesquisa. Por isso, os aspectos essenciais desta abordagem estão em como o autor escolhe a metodologia e teoria a ele conveniente (FLICK, 2009).

Para a coleta de dados, foi selecionado a pesquisa bibliográfica que “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTO, 2007, p.38), sendo então necessário a eleição de critérios para realizar a busca. Logo, tendo como referência Prodanov e Freitas (2013), a elaboração da pesquisa se deu por meio de materiais já publicados por outros pesquisadores. Sendo este material um apanhado geral dos principais documentos publicados a respeito do tema escolhido, possibilitando assim fornecer informações possíveis para contribuir com a pesquisa.

A narrativa teórica que o trabalho se vinculou enquanto concepção de sujeito, foi baseada no referencial teórico psicanalítico. Para Torezan e Aguiar (2011), o sujeito da psicanálise, será aquele que se dá a partir da sua relação com o Outro, e mediado pela linguagem. Será esta referência simbólica – a linguagem – que dará a possibilidade do surgimento de um sujeito e sua subjetividade, tendo, portanto, um ser mediado e não meramente passivo nas situações que o circundam. Por conseguinte, para melhor compreender tal compreensão de Sujeito aqui adotado, é importante voltar rapidamente para o conceito de pulsão em Freud (1967), que o toma como a "medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corporal" (FREUD, 1967, p. 214, *apud* HOLANDA, 2011, p. 409), ou seja, a formação do inconsciente se dará por meio do processo de pulsão e erogenização do corpo, para a formação do Sujeito.

Seguindo essa visão, e tendo como foco o cumprimento do objetivo da pesquisa, foram utilizados artigos científicos, livros e matérias jornalísticas. Os livros serviram para dar início às descrições, ao mesmo tempo, foram guias para conduzir a escrita do trabalho; os artigos científicos e matérias jornalísticas foram utilizados como uma forma de atualizar os conteúdos e, exemplificar os conceitos.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica, e com caráter analítico descritivo, Lima e Miotto (2007), utilizando-se de Minayo (1994), sublinha que na pesquisa bibliografia há necessidade da exposição clara da metodologia aplicada, bem como o detalhamento das lentes que haverá para justificar a coleta de dados do estudo feito. Por isso, é necessário a explanação dos processos. Tais processos se dividiram em etapas formuladas por Salvador (1986, *apud* LIMA; MIOTTO, 2007), compondo de a) leitura de reconhecimento do material bibliográfico; b) leitura exploratória; c) leitura seletiva; d) leitura reflexiva; e, e) leitura interpretativa. Tendo ao final a produção textual, resultado das etapas citadas.

Na primeira etapa foram localizadas as teorias que guiaram este trabalho, como a seleção de livros. A segunda se deu por auxílio de banco de dados com artigos indexados, bem como o auxílio da plataforma digital *google* para ter achados de matérias jornalísticas. O terceiro se deu com a busca bruta dos artigos, a qual foi dividida em quatro momentos, o primeiro referente à coleta de dados, realizada nas bibliotecas virtuais: BVS, Periódicos CAPES e SciELO. O levantamento desta pesquisa foi realizado no mês de dezembro de 2020, com as palavras-chave “automutilação *and* adolescência”, de forma idêntica nos três bancos, baseados nos critérios de exclusão, a saber: a) não estivessem no corte temporal entre 2015 e 2020, b) não ter como foco o estudo da automutilação ou o público adolescente, c) não serem trabalhos repetidos entre as plataformas, e d) conter em seu título pelo menos uma das palavras-chave, ou palavra sinônima. Os arquivos encontrados foram feitos seu *download* e divididos em pastas de acordo com seu periódico de origem, por fim tabulados em: título, ano de publicação, local de publicação e resumo. No momento posterior houve a leitura completa do material, a fim de sumarizar e selecionar aquelas que realmente viessem contribuir com o objetivo proposto.

Após a leitura completa dos trabalhos, buscou-se uma elucidação dos temas sobre automutilação e adolescência. Sendo assim, foram escritos três capítulos para descrever os achados, sendo os dois primeiros totalmente descritivos, a respeito dos achados do tema (automutilação e adolescência) e um terceiro, com a problematização do tema com o estudo da personagem do livro “Morte súbita” da escritora inglesa J. K. Rowling (2012). Este processo

aconteceu de forma simultânea com a conceitualização e aplicação dos conceitos freudianos de Trauma e Repetição, e para isto, textos prévios subsidiaram a discussão da referida pesquisa, sendo eles: “Recordar, repetir e elaborar” (FREUD, 1914/1969) e “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/1969).

Os principais livros fonte de pesquisa: “História social da criança e da família” de Ariès (1975), “Adolescência normal” de Aberastrury e Knobel (1981), Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), Manual diagnóstico e estatístico de transtorno 5: (**DSM-5**, 2014), “Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis” de Macedo (2012), “Morte súbita” de Rolling (2012), “O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade” de Beger (2016). Para os artigos usamos: Araújo (*et al*, 2016), Fortes e Macedo (2017), Jucá e Vorcaro (2018), Riter (2018), Silva e Dias (2019) e, Lopes e Teixeira (2019). Estes foram os subsídios teóricos escolhidos para dar rumo ao estudo.

Todavia, vale ressaltar já aqui ao fim, que mesmo seguindo com especificidade a proposta metodologia, aqui descrita, foi necessário abrir uma exceção para as pesquisas de Bock, 2007, Giuliani (2013), Berni e Roso (2014), pois foram materiais que ilustraram a adolescência como um construto social, bem como dois trabalho de Barbosa Neto e Rocha (2015) e, Barbosa Neto (2020), que trazem uma discussão a respeito dos conceitos de trauma e repetição.

Estrutura capitular

O atual trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, nomeado de “*Adolescência*”, iremos fazer um sucinto apanhado sobre as diferentes conceitualizações referente ao termo “adolescência”, permeando seu contexto histórico, visão desenvolvimentista, cultural e como é definido pelas leis internacionais e nacionais; expondo desta maneira como esse passou por modificações através dos tempos, ao mesmo tempo como ainda não há uma definição cristalizada, mas sempre uma visão diferente, de acordo com aquele que a observa.

No segundo capítulo, nomeado de “*Automutilação*” iremos discorrer sobre o tema da automutilação, de uma forma semelhante ao segundo capítulo, desde a sua historicidade, em

contexto de realização de divulgação, bem como as concepções atuais, que em sua grande maioria respalda-se no modelo psiquiátrico, atrelando o fenômeno a composição tabular de transtornos mentais.

O terceiro e último capítulo, intitulado de “*Automutilação, uma intersecção com Morte Súbita*”, será apresentado em forma de um diálogo ilustrado com o livro *Morte Súbita* da escritora inglesa J.K. Rowling os conceitos que subsidiaram os dois capítulos antecessores, e adentrando-se dos conceitos de trauma e repetição. A personagem elegida para compor esta pesquisa é “secundária” na história do livro, Sukhvinder Jawanda, que é uma adolescente automutiladora, que enfrenta o trauma do adolecer, suas mudanças corporais, a exigência social, o *bullying* e a falta de apoio familiar.

1. ADOLESCÊNCIA

1.1 Conceituando as adolescências

Ao pesquisar a definição de adolescência, muitos resultados conceituais são encontrados, variando em seu sentido cronológico ou subjetivo, não havendo um conceito unitário. Porém, mesmo com tal variedade, ainda pode-se avaliar de forma geral, que a adolescência é uma etapa de desenvolvimento que um indivíduo passa em uma certa época de sua vida, na qual ocorrerão incontáveis modificações, seja em seus âmbitos biológicos, psicológicos e sociais. E tais mudanças irão ocorrer em um período que se situa entre a infância e a vida adulta.

Considerando o nível etiológico desse conceito, Veschi (2020), apresenta a palavra adolescência, provindo do latim *adolescencia*. Esta palavra, é dividida em duas partes, com o prefixo *ad*, significando um movimento de ir para frente, ou seja, um ato de progresso; em seguida do sufixo *alescere*, trazendo consigo o significado e a ideia de crescimento, isto é, mudanças, o que se aplica ao o que é ser ou estar sendo “adolescente”. Ainda, compactuando com a carga significativa do sufixo, o autor traz a ideia que o mesmo é à raiz latina do adjetivo *adolescens*, conceito “usado para descrever um estágio específico dos seres humanos que vai do final da infância à idade adulta” (VESCHI, 2020, np.).

Na psicologia do desenvolvimento, Beger (2016) para melhor “explicar” este período, divide a adolescência em três momentos, o primeiro denominado de “biossocial”, que varia entre as idades de 11 aos 20 anos, ocorrendo a maturação biológica até os 18 e a cognitiva até os 22 ou 30 anos. Mesmo a autora não caracterizando este período como um “problema”, a mesma recorda que ele está suscetível há “momento de dificuldades, confusão, irritação e depressão” (BEGER, 2016, p.245). O segundo momento é relacionado ao desenvolvimento cognitivo, no qual o jovem que está em formação fica mais vulnerável a “ideias, especulações e visões embaraçosas e até mesmo perigosas” (BEGER, 2016, p.261).

O terceiro e último momento se dá com o desenvolvimento psicossocial, no qual o jovem irá agora, mas preparado com as fases anteriores, melhor preparar uma compreensão sobre si e suas modificações, o que irá auxiliar para a vida adulta. Observa-se, que há

estipulação de idade no primeiro momento, e nos demais, somente existindo uma caracterização, dando para presumir que a possibilidade irá variar cronologicamente, entre as idades de 11 aos 30, idade qual, Beger (2016) alega o final da maturação cognitiva.

A adolescência no dicionário Michaelis (2020), há uma conceituação de um período que é caracterizado como um momento do desenvolvimento humano, compreendido entre a puberdade e a vida adulta, e nessa transição há maturações sexuais, psicológicas e sociais - essas mudanças citadas estão se referindo às cronológicas e lógicas. Entretanto, ainda não existe uma consonância padronizada acerca da conceituação da adolescência em órgãos oficiais, enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS), define a adolescência o período entre 10 e aproximadamente 20 anos, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), define o mesmo período sendo entre a faixa etária dos 12 aos 18 anos (OMS, 1975; BRASIL, 1990)

Vendo a incongruência que ainda existe nos dias atuais – principalmente ao que tange a idade cronológica –, podemos fazer um retorno histórico, tomando o estudo de Phillippe Ariès (1975), em seu livro “A história social da criança e da família” , o qual relata que durante a idade média a adolescência iniciava-se aos 14 e durava até os 18 anos, que ainda poderia se estender até os 30 ou 35 anos, idade esta na qual, a pessoa possuía maior vitalidade física. Todavia, é com o início do fenômeno de “sala de aula” durante o século XVI, que devido a imposição dos castigos físicos, que começou haver uma separação entre o período da infância da adolescência, ao mesmo tempo que separava esse, dos adultos. Porém , segundo o autor, foi somente na segunda metade do século XX, que a infância e a adolescência tiveram um maior destaque devido aos estudos provindos da psicologia.

Mesmo sendo visto até o momento a caracterização da adolescência como um período estático e pré-definido, Bock (2007), Giuliani (2009) e, Berni e Roso (2014), trazem este como uma construção, onde não será definida somente por um fator cronológico, mas psicológico e subjetivo com uma valorização cultural, na qual:

o indivíduo vivencia essas transformações e o significado culturalmente atribuído a esse novo corpo têm igual relevância para o seu desenvolvimento. O **processo de adolecer implica o reconhecimento de um novo corpo e de uma reorganização “das identidades” que constituem a pessoa como construto social**, com impacto na vida do indivíduo e na sociedade em que está inserido (GIULIANI, 2013, p.3 [grifo do autor]).

As transformações passadas pelos adolescentes, como trazido por Michaelis (2020), estão relacionadas aos aspectos de maturação sexual, psicológica e sociais. Neste momento, este período não deve ser visto somente como algo natural e cristalizado, este será elaborado de acordo com a inserção social, bem como o período histórico ali experienciado (BOCK, 2007; BERNI; ROSO, 2014). Para tanto, o adolescente, não se desenvolve em uma lógica cartesiana, no sentido evolucionista, mas deve ser visto como um processo que é “sempre complexo, multifacetado e em constante atualização” (BERNI; ROSO, 2014, p.127).

Por isso, ao abordar o conceito de adolescência é se deparar com um conjunto de aspectos, no qual, o sujeito estará sempre a “amadurecer”, e ao mesmo tempo a um ciclo de instabilidade e inseguranças, onde o conhecido e o desconhecido irão convergir. Assim como posto por Giuliani (2013), “estar adolescente” é está sempre em transição, pois “isto implica dizer que estamos diante de um momento do ciclo vital que, paradoxalmente, encerra grandes riscos e grandes possibilidades para o projeto de vida em construção, próprio dos momentos de crise” (p.4).

1.2 Adolescência e psicanálise

Até o momento, foi possível vislumbrar o conceito de adolescência de maneira multifacetada, convergindo assim de uma não possibilidade de falar de *uma adolescência*, porém sim *das adolescências*. Para seguir, buscando uma melhor explanação ainda dentro do conceito das adolescências, utilizar-se-á nesta etapa um olhar psicanalítico, iniciando com um trabalho aqui elegido como pioneiro e por conseguintes contribuições mais atuais, mostrando assim, que como o adolescente está em constante transformação, o conhecimento, também está.

1.2.1 Uma psicanálise adolescente pioneira

Aberastury e Konbel (1981), citando Anna Freud, traz o fato de existir uma dificuldade de assinalar o que pode ser dito como “normal” e “patológico” durante um período que uma pessoa está² adolescente. Contudo, esta etapa por ser um momento do desenvolvimento

² A utilização do verbo “estar” demarca a transitoriedade desta época.

humano, é possível haver nela um “equilíbrio”, isto pois, é uma etapa “evolutiva”. Porém, o autor supracitado, demonstra que mesmo podendo haver “equilíbrios”, pode também haver “desequilíbrios”, e é pautando-se nisso que ele irá configurar uma sintomatologia a qual ele vem a denominar de “síndrome normal da adolescência”. Essa, os autores dividem em 10 etapas, para sistematizar a sua proposta:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que pode ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocação temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendência anti ou associativas de diversas intensidades; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. (ABERASTURY; KONBEL, 1981, p. 29)

Ainda de acordo com o autor, todos esses fenômenos ocorrerão, a fim de fazer com que o adolescente deixe sua posição infantil e possa aos poucos adentrar ao campo adulto. Sendo também, que neste momento, o jovem que está a adolecer terá que lidar também com o processo de um luto triangular, no qual ele terá que elaborar a perda do corpo infantil, da identidade da infância e da figura protetora dos pais. Sendo estes lutos, ocorridos dentro das etapas evolutivas acima citadas.

Para Aberastury e Konbel (1981), ser adolescente é uma etapa de inserção no mundo adulto, esta entrada há nela a ambivalência de desejo e temor, pois, adentrar nele significa perder de vez a identidade infantil que antes possuía. As mudanças corporais que acompanham este processo fazem com que o sujeito tenha uma relação diferente com os pais e com o mundo, levando a este a elaboração do luto triangular. Nessa etapa de elaboração, é confuso e ambivalente, o ser flutua entre um estado de dependência e independência, o abandono de uma identidade e a construção de uma nova, que ocorre de forma inconsciente, durante a busca de novos ideais. Todavia, este processo de construção identitária só será possível no momento em que o adolescente aceitar as mudanças que está sofrendo, ou seja, corporais e psicológicas.

Só quando a sua maturidade biológica está acompanhada por uma maturidade afetiva e intelectual, que lhe possibilite a entrada no mundo do adulto, estará munido de um sistema de valores, de uma ideologia que confronta com a de seu meio e onde a rejeição a determinadas situações cumpre-se numa crítica construtiva. (ABERASTURY; KONBEL, 1981, p.15).

Podemos então perceber que a entrada para o mundo adulto é necessária antes que haja a rejeição de certas situações e criações de outras, variando dentro de uma complexidade

existente de uma grande gama de variações ideológicas que o adolescente agora estará inserido. Ele, assim como uma “esponja” irá adquirir e se “afetar” com os condicionantes do seu meio, mas não conseguirá fazer sempre com sucesso a compilação de todas as identidades a ele apresentada, sendo impossível então, de conseguir renunciar algo em si mesmo. Por isso, pode-se inferir que a grande problemática do ser adolescente começa com as mudanças corporais, suas redefinições sociais e mudanças psicológicas.

As exigências que o mundo externo faz ao adolescente, em um primeiro momento podem parecer serem intrusivas, pois elas não podem ser controladas de acordo com os seus desejos, essa invasão involuntária do externo para o interno, leva o jovem a “reter, como defesa, muitas conquistas infantis, ainda que também coexista o prazer e a ânsia de alcançar um novo *status*” (ABERASTURY; KONBEL, 1981. p.14).

Serif e Serif (1965, *apud* ABERASTURY E KONBEL, 1981), vem caracterizar a adolescência como um período de transição, entre puberdade e adultez, essa transição e desenvolvimento está envolvida diretamente com a localização em que o ser está envolvido socialmente. Logo, em alguns momentos, terão fatores que serão propícios a eles. Agora, podemos mais uma vez retornar para a idade média, quando Ariès (1975), fala sobre a inicialização do trabalho e a confusão entre os períodos de vida, mas agora recuperada como algo inerente não ao mesclar infância e juventude, mas sim, adolescência e responsabilidades adultas. Nesse momento, terá que haver um abandono da autoimagem infantil e a partir de agora, projetar-se para o futuro.

Na projeção para o futuro, no momento em que o adolescente tem a tarefa da busca de si e de sua identidade, haverá projeções entre seu mundo psíquico e sua representação corporal, frente às evoluções que este recebe agora de forma mais contínua. O caráter mutável de ser adolescente exige do sujeito um permanente estado de reconstrução, seja de ordem interna ou externa, deixando o equilíbrio infantil, para adentrar na nova realidade, do “agora já”.

Com o processo pela busca de novos ideais identificatórios, a “presença externa, concreta, dos pais começa a ser desnecessária. Agora uma separação não só é possível, como necessária” (ABERASTURY; KONBEL, 1981, p. 36). É nesse momento que se faz importante a presença do grupo, o qual poderá até certo ponto garantir ao sujeito adolescente uma segurança, tendo em visto que, serão grupo de iguais. Por isso, a importância do processo grupal nessa fase torna-se importante, principalmente para ser um dos fios condutores para a busca de novas identidades. Com a evolução desta, a juventude que antes tinha uma atitude

reivindicatória para a família, agora destinará ao grupo a fim de ser possível agora, ser também um agente da realidade social, que por vezes lhe é frustrante, porém é aí que “o perigo reside em que, mediante o mesmo mecanismo, podem-se canalizar certos jovens para empresas e aventuras destrutivas” (ABERASTURY; KONBEL, 1981, p.56), ou seja, passagem ao ato.

Aberastury e Konbel (1981), propõe que são nestas passagens ao ato, em que os jovens tentam modificar-se e modificar o seu redor. Contudo, mesmo que o desejo permeia a ele, a sua tentativa de controle nem sempre será possível, pois inúmeras dificuldades serão encontradas com as instabilidades dessa época. Uma linha contínua de pensamento e reivindicação não é possível, isto pois, ele está em uma fase - adolescência - no qual a normalidade, reside na “anormalidade” e instabilidade. E são nessas contradições e impermanências que é possível para o sujeito adolescente, significar os seus lutos.

1.2.2 Uma psicanálise adolescente atualizada

Nos estudos mais atuais, aqui elegidos, a adolescência geralmente é caracterizada como uma etapa de crise, pois este tempo requer do sujeito um intenso trabalho psíquico, bem como um tempo para concluir. Outro ponto que vale a pena ressaltar, é que, agora, à adolescência e a puberdade são vistas de maneiras distintas, mesmo sem tirar a possibilidade de ocorrerem de forma simultânea (Fortes e Macedo, 2017; Riter, 2018; Jucá e Vorcaro, 2018; Lopes e Teixeira, 2019; Silva e Dias; 2019). Essa segunda colocação é um fator importante para o estudo deste tempo, que é a adolescência, que foi diferente do proposto por Aberastury e Knobel (1981), em seu livro “Adolescência normal”, anteriormente aqui citado, ilustrando a adolescência como um tempo de haver a elaboração de seus lutos, nesse tempo, o sujeito só estará “apto” a adentrar a vida adulta de maneira “saudável”, se não houver uma aceitação da maturidade corporal e psíquica, dando para subentender, que um é dependente do outro., isto é, puberdade e adolescência.

Inicialmente, podemos conceituar a puberdade, como um período que haverá no sujeito, mudanças morfológicas, tais como, menarca para as meninas e semenarca para os meninos, mudança de voz, crescimento de pelos e desenvolvimento do aparelho reprodutor. Por outra via, quando falamos em adolescência, ela não está ligada somente a essas mudanças, mas principalmente no âmbito psíquico e social, exigindo do adolescente a tomada de decisões e

uma busca por sua identidade. Nessa busca, o jovem, que antes tinha uma identidade infantil, agora a perde e tem um sentimento de abandono, levando ao adolescente um sentimento de estar vazio e perdido. Desta forma, não se pode ver a adolescência em uma lógica cronológica, na qual acontecerá tudo em um tempo estipulado, com uma hora de início e de término, mas sim, como um período lógico, segundo e tempo subjetivo do sujeito a adolecer (Macedo, 2012; Lopes e Teixeira, 2019; Silva e Dias, 2019).

Quando iniciamos a falar do fenômeno da adolescência, veremos que será algo que vai para além das transformações físicas, como às vezes muito difundido, mas sim, como um período de reconstruções subjetivas, trazendo ao sujeito: dilemas, dúvidas, sensação de inadequação e muita angústia (JUCÁ; VORCARO, 2018; SILVA; DIAS, 2019). Costa (2004, *apud* SILVA; DIAS, 2019), traz a condição desse fenômeno como sendo um momento de passagem, “em que o sujeito não é mais criança, portanto, não possui a proteção que tinha nessa fase, mas também não é adulto, pois ainda não pode responsabilizar-se por si nem obter certas prerrogativas da maturidade” (p.23). Esta posição transitória, entre um e outro, acaba colocando o sujeito em uma situação de “não-lugar” – termo que bem ilustra esse fenômeno –, no qual, agora ele tem a opção de algumas escolhas, mas ao mesmo tempo sem poder controlar tudo que o cerca, tais como as mudanças, garantindo assim, a este fenômeno uma característica de crise.

Jucá e Vorcaro (2018), traz de maneira enfática que “talvez a adolescência seja um tempo de concluir – no sentido de definir um modo de funcionamento psíquico no laço social sem a mediação da família” (p.248). O conteúdo dessa passagem entra em consonância com Fortes e Macedo, (2017); Riter, (2018); Lopes e Teixeira, (2019) e, Silva e Dias (2019), que descrevem como parte desse fenômeno um trabalho de ressignificação da identidade bem como a necessidade do desprendimento do universo familiar, isto pois, como suscitado por Rassial (1997, *apud* LOPES; TEIXEIRA, 2019, p. 296):

entende que **a adolescência transtorna o eu e os ideais**. Isso ocorre porque, com as transformações da puberdade, esse adolescente é visto pelo olhar do Outro social como o desajeitado. Além disso, há por parte da família um olhar atravessado, mas, apesar de todas estas querelas, os jovens se constituem em direção ao social. **A saída do lar familiar para produzir laços sociais exige, assim, construções identificatórias.** (grifo do autor)

Em outras palavras, ou de forma direta como posta por Macedo (2012) há na adolescência a distinção do Eu ideal e o ideal de Eu – enquanto no primeiro há no sujeito um

sentido de completude dentro do seio familiar devido ao seu retorno narcísico de forma positiva, no segundo momento o sujeito é obrigado a se afastar dos impulsos que não são compatíveis com seus padrões narcísicos, haverá agora embates entre esses. E essa reconfiguração fará com que o sujeito vá em busca de novas referências, seja ela em grupos desde de como citado por Aberastury e Knobel (1981), ou refugiando-se em comunidades virtuais, como exposto por Fortes e Macedo (2017).

É entre essas configurações e reconfigurações, que o adolescente estará inserido, associado com a perda da identidade e do corpo infantil, tangenciando-se com o tempo de concluir e ressignificar suas vivências nos âmbitos biopsicossociais, que Jucá e Vorcaro (2018) irão trazer o fenômeno como uma denúncia do tempo e da cultura que se está inserido. Concomitantemente a isso, Lopes e Teixeira (2019), afirma que devido a essas modificações, o sujeito que está a adolecer tem uma maior tendência para o agir, ou seja, ir ao ato, a fim de trazer para o simbólico aquilo que está em desequilíbrio. A passagem ao ato que aqui será estudada, será o da automutilação.

2. AUTOMUTILAÇÃO

2.1 Automutilação e sua historicidade

Araújo (*et al*, 2016) trazem em seu artigo um pequeno histórico sobre as primeiras produções históricas no campo da automutilação. As autoras citam como principal referência, o psiquiatra e psicanalista Karl Menninger, autor do livro *Man Against himself* (traduzido para Eros e Tântos: o homem contra si próprio). O conteúdo que contido nas páginas, foram revolucionárias para o seu tempo, ele trazia uma nova perspectiva, lançando a ideia que haveria um significado para o fenômeno da automutilação, para além de uma tentativa para o suicídio, “Menninger disse que os automutiladores estavam, na verdade, tateando, buscando um meio de se autocurar e autopreservar. A mutilação representava um sacrifício de uma parte do corpo pelo bem de todo o corpo” (MENNINGER, 1938/1966 *apud* ARAÚJO *et al*, 2016, p.502). Para o autor, a automutilação não poderia ser vista como uma forma de uma aniquilação total do ser, ou seja, o suicídio, mas sim, como uma prevenção e esse.

Ainda de acordo com Strong (1988, *apud* ARAÚJO, *et al*, 2016), ao trazer contribuições sobre Menninger, assinala que ele acreditava que o fenômeno da automutilação era composto por três elementos essenciais, a saber: agressão voltada para o interior, estimulação e função punitiva. Sendo este último elemento como um uma forma de expiar os pecados. Trazendo em questão a relação da religião cristã com a prática da automutilação, é possível averiguar nas Sagradas Escrituras algumas passagens que remetem a uma autopunição devido a prática de um ato pecaminoso:

Se tua mão for para ti ocasião de queda, **corta-a**; melhor te é entrares na vida aleijado do que, tendo duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível. [onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga]. Se teu pé for para ti ocasião de queda, **corta-o** fora; melhor te entrares coxo na vida eterna do que, tendo dois pés, seres lançados para à geena, do fogo inextinguível. [onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga]. Se teu olho for para ti ocasião de queda, **arranca-o**; melhor te é entrares com um olho de menos no Reino de Deus do que, tendo dois olhos seres lançados à geena do fogo, onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga. (MARCOS 9, 43-48. P. 1334. [grifo do autor]).

Vemos a mutilação como a forma de diminuir as possibilidades de pecado, do homem frente ao seu Deus, ser onipotente, onisciente e onipresente, preferindo perder partes de si para assim seguir pelos caminhos “certos” – algo semelhante ao trazido por Menninger (1938/1966).

Todavia, o trecho acima citado, é provindo no Novo Testamento, ou seja, depois da vinda do Cristo, porém, o ato de mutilar-se vem antes mesmo destes ensinamentos, iniciando desde o Antigo Testamento, no qual, o modelo de mutilação era pelo meio da circuncisão, marca da aliança dos Judeus com seu Deus, assim podemos ver: “eis o pacto que faço entre mim e vós, e teus descendentes, e que tereis de guardar: todo homem, entre vós será circuncidado. Cortareis a carne do vosso prepúcio, e isso será o sinal de aliança entre mim e vós” (GÊNESIS, 17, 10-11. p. 62)

Os exemplos bíblicos acima citados, podem ser vistos em Favazza (1987/1996, *apud* ARAÚJO, *et al*, 2016), o qual em seu livro *Bodies under siege*, ilustra casos da automutilação ligado ao sentido religioso, podendo haver mutilações de maneiras exacerbadas, tais como: “remoção dos olhos, castração e amputação” (ARAÚJO *et al*, 2016, p. 503). Sendo estes casos, documentados em sua maioria por um significado de cunho religioso, no qual, os atos eram direcionados a Deus, pois somente com a prática, eles poderiam então “ficar em paz” com seus conflitos interiores.

2.2 Automutilação e suas definições

Araújo (*et al*. 2016), tecendo uma leitura do livro *Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado* da psicanalista Ana Costa (2014), demonstra que o ato de automutilação está presente dentro de várias culturas, desde as primitivas até as modernas, pois o corpo é visto como uma forma de comunicação, então esses são adornados a fim de mostrar sua identidade, status e fé. Nas sociedades tribais, este ato é presente em ritos de passagem, a fim de demarcar o fim de um ciclo, e o início de um novo. O ritual “coloca em causa a passagem de um estado a outro, o que diz respeito à transposição de uma perda. Há rituais em ocasião de nascimento, morte e também na passagem da infância para a adolescência” (ARAÚJO *et al*. 2016, p. 498).

Todavia, a concepção que iremos abordar no atual trabalho, não será o mesmo como dito como um ato cultural e dividido coletivamente, mas sim, aquele que ocorre de forma particular, individual, porém também destinado à alguma finalidade. Por isso, ao buscarmos a definição do termo, no dicionário Michaelis (2020, np.), encontramos que automutilação é a “mutilação que um indivíduo pratica em si próprio”, quando buscamos de forma isolada a

palavra “mutilação”, encontramos sendo uma palavra provinda do latim *mutilato*, que é o “ato ou efeito de mutilar-se” uma parte de seu próprio corpo, podendo também se aplicar ao ato de “corte ou amputação de parte do corpo”. Na busca da mesma palavra no banco de Descritores em Ciência da Saúde (DecS, 2020), temos como sendo o “ato de lesar o próprio corpo, até o ponto de cortar ou destruir permanentemente um membro ou outra parte essencial do corpo”.

Segundo Araújo (*et al.* 2016), a automutilação não é algo estudado recentemente pelo campo clínico, surgindo como um sintoma componente de algum transtorno psiquiátrico. Por isso, ao investigar nos manuais psiquiátricos como a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 20104), este ato é associado a 9 transtornos mentais, a saber: transtorno do movimento estereotipado 307.3 (F98.4); Transtorno de Escoriação (*Skin-picking*) 698.4 (L98.1); Outro Transtorno Obsessivo-compulsivo e Transtorno Relacionado Especificado 300.3 (F42); transtorno Dissociativo de Identidade 300.14 (F44.81); Amnésia Dissociativa 300.12 (F44.0); Transtorno Factício 300.19 (F68.10); Transtorno da Personalidade Borderline 301.83 (F60.3); Síndrome de psicose atenuada e transtorno de comportamento suicida (os dois últimos ainda sob estudos).

Sendo uma ressalva feita pelas autoras do trabalho que, a palavra *transtorno*, não é um termo exato, porém, mesmo assim é usado “para indicar a existência de um conjunto de sintomas ou comportamentos clinicamente reconhecíveis associados, na maioria dos casos, a sofrimento e interferência com funções pessoais” (ARAÚJO *et al.* 2016, p. 499).

Ao observar algumas formas em que o sintoma da automutilação é citada no DSM-V (2014), podemos ver de maneira sucinta em alguns transtornos da seguinte maneira: no transtorno do movimento estereotipado, no qual pode haver “comportamento repetitivo de automutilação” (p. 256); transtorno obsessivo-compulsivo, quando focado ao corpo, um “movimento estereotipado ou automutilação não suicida” (p.264); transtorno dissociativo de identidade, além de apresentar depressão, ansiedade e abuso de substâncias, apresenta “automutilação e comportamento suicida” (p.294), e, à amnésia dissociativa, na qual os indivíduos apresentam “história de automutilação, tentativas de suicídio e outros comportamentos de alto risco” (p. 299)

Outro transtorno que aqui pode ser exposto, provindo do DSM-V (2014) e devido sua prevalência ser no início da idade adulta, ou seja, durante um período que ainda compreende um certo momento da adolescência, é o Transtorno da Personalidade Borderline 301.83 (F60.3)

Apresentam recorrência de comportamento, gestos ou ameaças suicidas ou de comportamento de automutilação (Critério 5). Suicídio ocorre em 8 a 10% de tais indivíduos, sendo que atos de automutilação (p. ex., cortes ou queimaduras) e ameaças e tentativas de suicídio são muito comuns. A ideação suicida recorrente é com frequência a razão pela qual essas pessoas buscam ajuda. Esses atos autodestrutivos são geralmente precipitados por ameaças de separação ou rejeição ou por expectativas de que o indivíduo assuma maiores responsabilidades. **A automutilação pode ocorrer durante experiências dissociativas e com frequência traz alívio por reafirmar a capacidade do indivíduo de sentir ou por expiar a sensação de ser uma má pessoa** (DSM-V, 2014, p.664, [grifo do autor]).

Até o momento a automutilação foi tomada como um sintoma que compõe um transtorno, ou seja, um "indício de uma doença" ou um "sinal de perturbação orgânica ou psicológica" (MICHAELIS, 2020). Todavia, no atual trabalho, a visão adotada de sintoma não é do nível para composição de um transtorno, mas sim como traz Freud, uma "expressão particular de um conflito psíquico" (SCHINAZI, 2016, np.).

2.3 Automutilação e adolescência

Nos vários estudos encontrados, a automutilação tem uma caracterização diferente, mas que ao mesmo tempo se tangencia, assim como uma linha se propagando no infinito. Fortes e Macedo (2017) toma-a como um ato apaziguante em meio a uma demanda externa que não pode ser significada. Riter (2018), traz a ideia que o corpo é destinatário desta dor, devido a uma possibilidade de um retorno a um evento traumático. Silva e Dias (2019), como um minimizador de angústia e emoções negativas; Lopes e Teixeira (2019), como a necessidade de registro da existência própria frente a um novo Outro que está em um processo de maturação biopsicossocial.

De acordo com o exposto, é possível inferir que o fenômeno de realizar uma atividade contra o próprio corpo, mesmo que seja um prazer-desprazeroso, o físico sobressai ao emocional, e somente no momento da realização, que há a confirmação que algo está acontecendo. "A escarificação ilustra uma espécie de jogo simbólico no domínio da dor, opondo a dor ao sofrimento, a ferida ao dilaceramento da alma" (FORTES; MACEDO, 2017 p.356). A dor física se inscreve onde antes não podia ser inscrito.

Matthew Nock (2010, *apud* LOPES; TEIXEIRA, 2019), afirma que:

comumente, a automutilação inicia-se na adolescência e é mais prevalente em adolescentes e adultos jovens, sobretudo do gênero feminino, o que justifica os estudos terem como população-alvo estes grupos. Além disso, destaca que é mais frequente ocorrer em situação privada com a utilização de um objeto afiado para cortar a pele ou pontiagudo para desenhar ou escrever sobre a superfície do corpo (p. 292).

No que diz respeito a prática da automutilação em adolescentes, essa ocorre de maneira sigilosa e singular. As marcas feitas em seus corpos são feitas em locais que são pouco monitoras por seus pais ou responsáveis, dificultando então a descoberta. Mesmo os jovens não relatando dor na hora do ato, o ato em si apazigua outra dor, a psíquica, a qual é a impossível de se nomear e sem a possibilidade de fala, logo a linguagem utilizada é expressa através da ação. Passar para o ato, demonstra como existe uma falha no laço social, o qual inexistem palavras para expressar o que está em conflito durante a adolescência, é muito para suprir e pouco repertório para sustentar as demandas impostas (FORTES; MACEDO, 2017; JUCÁ; VORCARO, 2018).

Ainda no que diz respeito as autoras Lopes e Teixeira (2019), os comportamentos automutilatórios, geralmente estão atreladas às relações que o Sujeito tem com o Outro, essa relação ou confronto gera no adolescente um conflito, e esse sem ter as devidas respostas e ações, recorre a si mesmo. Nesse caso, para entender a automutilação não pode ser somente vista como um ponto de estabilização, mas como um meio de haver uma sublimação, que fosse posteriormente para além do corpo. Todavia, as autoras, salienta que “na adolescência há uma tendência maior do agir que a utilização de outros recursos como a palavra, ou seja, no lugar de colocar em palavras aquilo que a angústia, o adolescente transfere para o corpo, qual de forma de percebê-lo como sendo seu” (LOPES; TEIXEIRA, 2019, p. 259).

Reis (2018, *apud* LOPES; TEIXEIRA, 2019), elucida que a automutilação não é só um corte, mas é uma operação de corte descontínuo que provoca um hiato no registro simbólico do Sujeito adolescente, intensificando e justificando então os grandes momentos que podemos denominar aqui, de angústia. Essa descontinuidade simbólica gera uma falta na significação dos acontecimentos, acarretando assim, a construção de um adolescente perdido e desnortado, pois para eles, faltam saber o que realmente quer, isto é, o desejo. Por isso, apreende-se que o fenômeno da adolescência pode ser a atualização de traumas infantis, o que leva o Sujeito que está a adolecer a um ciclo de repetição, em uma tentativa de elaboração dos acontecimentos traumáticos passados e atuais.

Brito (2012, *apud* RITTER, 2018), interpreta a ação de mutilar-se ao sentido de desamparo, conceito, o qual, ele acredita que pode melhor explicitar a etapa da adolescência; logo, ele traz a visão do corpo como um mediador entre as angústias, sofrimentos, e o mundo. Por isso, será pelo estado/sentimento de desamparo que são congruentes com os traumas primários que são permeados por questões narcisistas, que ele fará ponte com a teorização freudiana sobre dor mental. Para Brito (2012, *apud* RITTER, 2018, p. 109), “a dor da falta e da perda possui as mesmas condições econômicas que a dor física, contudo entende que a transição da dor física para mental corresponde a uma mudança de catexia narcísica para a catexia de objeto”. Desta forma, os cortes na pele podem ao mesmo tempo servir como um meio de se comunicar, como afirmar uma existência, pois é pelo corpo que os adolescentes transmitem e comunicam o “sofrimento, a dor do desamparo, a ameaça de retorno da experiência traumática” (RITTER, 2018, p.109).

No estudo de Fortes e Macedo (2017), que foi realizado em *blogs* destinados à adolescentes, ela traz passagens de uma das usuárias nomeada de *Monster* que bem ilustram a discussão até o dado momento:

“Eu também estou na automutilação há um ano e meio e não consigo parar porque eu sou viciada neste sofrimento que me devora todo dia, eu não seguro mais essa necessidade de sofrer” (FORTES; MACEDO, 2017, p.355).

“Quando termino de me cortar, a angústia depois de um tempo volta, mas vale apenas, pelo sentimento de alívio, nem que seja somente por 5 minutos” (FORTES; MACEDO, 2017, p.355).

“Eu me sentia tão sozinha, eu tinha a necessidade de falar com uma pessoa que me compreendesse, mas não tinha ninguém, eu não via ninguém!” (FORTES; MACEDO, 2017, p.362).

Nos trechos acima resgatados, podemos observar que existe no ato um processo de ausência de significação, tratado/nomeado como angústia, ao mesmo tempo, atrelando a passagem ao ato como um processo que traz ao Sujeito alívio. No terceiro trecho em específico, é perceptível a necessidade da presença de um Outro, mas ao invés disso, deparando-se com a ausência, fazendo o Sujeito adolescente estar em um estado de desamparo com o seu sofrimento e sua dor psíquica. Será pela via dos atos autolesivos que se é encontrado uma maneira de “fugir” da/das experiências traumáticas vivenciadas, mesmo que para esta fuga seja necessária uma repetição, relatada como um vício.

Trazendo uma interpretação do antropólogo francês David Le Breton, vê este fenômeno da automutilação como “uma espécie de jogo simbólico no domínio da dor, opondo a dor ao sofrimento, a ferida física ao dilaceramento da alma” (FORTES; MACEDO, 2017, p.356). Isto

é, a automutilação trará consigo uma descarga da forma mais literal da tensão insuportável que o Sujeito se depara com o não compreender. Por isso, “refletir sobre os atos realizados pelos adolescentes requer pensar nos impasses vividos por cada um e desencadeados pelo real da puberdade, a partir de um plano de fundo que seria o campo social” (JUCA; VORCARO, 2018, p.248).

2.4 Automutilação no Brasil

Para sistematizar a importância do campo social, selecionou-se quatro matérias/publicações *on-line* que alertam sobre o aumento da automutilação ente os jovens, mesmo que estes venham sempre acompanhados as taxas de suicídio, como um fosse o condicionante do outro de forma obrigatória. As publicações ilustram o cenário em nosso país de uma forma mais recente, iniciando com três matérias do ano de 2019 e uma de 2020, sinalizando a automutilação não ligada ao suicido, mas sim ao isolamento devido a pandemia do novo coronavírus.

Trazendo de maneira cronológica temos a matéria do “Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos” datada do mesmo dia da instituição da lei de nº13.819/2019 (29 de abril de 2019) intitulada “Crianças, adolescentes e jovens estão entre os grupos mais suscetíveis ao suicídio e automutilação, apontam especialistas”. Na referida matéria, apoiando-se na opinião do psiquiatra da infância e da adolescência do Hospital Universitário de Brasília, André Sales, temos:

No caso da autolesão, nós vemos o método mais prevalente, que é o corte. A prevalência deste comportamento autodestrutivo está na faixa etária que vai da **pré-adolescência até o adulto jovem, ou seja, dos 10 até os 25 anos**, aproximadamente, onde são encontrados o maior número de casos (2019, np. [grifo do autor]).

O psiquiatra afirma que tal comportamento é movido por questões ligadas à depressão e ansiedade, que resulta na produção de dor que logo em seguida é traduzida para “os sofrimentos infligidos ao próprio corpo” (BRASIL. 2019b, np.). A automutilação vem associada em relação a raiva, desespero e aflição, fazendo assim, voltar para o próprio sujeito uma forma menos destrutiva de conter os transtornos citados, além de ser reflexo de traumas vivenciados na infância ou no próprio período da adolescência.

Por conseguinte, temos a matéria de junho de 2019, produzida por Christina Queiroz na “Pesquisa FAPESP”, intitulada de “Juventude extraviada”, que em seu decorrer tenta responder o questionamento do motivo do aumento de suicídio no Brasil. Porém, ao mesmo tempo que ela faz uma discussão sobre a automutilação, ela traz um estudo de Garcia, o qual fornece dados sobre a automutilação e sua grande incidência no público entre as faixas etárias entre 10 e 14 anos, e essas taxas numericamente falando é de 39,7%, se localizando somente na região nordeste do país. A pesquisadora, associa o fenômeno como uma forma de representar a solidão e o sofrimento psicológico através da dor.

A terceira matéria, fora produzida pela jornalista na área da saúde, Natalia Cuminale, em agosto de 2019 pela revista Veja, intitulada de “Aumentam os casos de automutilação entre jovens”, diferente das demais publicações antes citadas, a referida não somente traz um espaço de fala para uma jovem mutiladora, bem como trás que tal fenômeno é mais comum ser encontrado entre adolescentes e jovens adultos, sendo em sua grande maioria localizado no público do sexo feminino. Cuminale traz em sua matéria:

O distúrbio é caracterizado por machucados intencionais, que **não são feitos com o objetivo de tirar a própria vida**. De acordo com relatos dos pacientes, a dor do corte materializa uma sensação ruim e abstrata — de vazio, tristeza, angústia ou raiva de si mesmo. **Os machucados são superficiais e pequenos, em regiões que podem ser cobertas por roupas, como a parte interna dos braços e das coxas**. Trata-se de um indício de que alguma coisa não vai bem na vida do adolescente — as possíveis causas incluem bullying, abuso (físico, emocional ou sexual) ou falta de suporte familiar. Pode ser também o sintoma de depressão, ansiedade ou transtorno alimentar (n.p. 2019 [grifo do autor]).

Na mesma matéria a jornalista define a adolescência como um período no qual há um abismo na comunicação entre pais e filhos, e isso é um dos fatores que faz com que a intervenção precoce não possa ser realizada. A ciência, tentando explicar em uma perspectiva biológica, associa a automutilação justificando que “O corte libera endorfina, o mesmo hormônio que causa sensação de bem-estar na atividade física. O hormônio camufla, assim, a dor psíquica que atormenta” (CUMINALE, 2019, n.p). Porém, o hormônio produzido pelo corte, assim como o exercício físico são produções focais e momentâneas, logo será necessário que haja uma maior repetição e intensidade para conseguir o mesmo resultado anterior, ou um que o ultrapasse.

A última matéria escolhida é uma entrevista transcrita datada de 17 de agosto de 2020, por Coltri para o jornal da USP nomeada de “Isolamento social pode agravar casos de automutilação”, essa foi publicada durante a incidência do novo coronavírus. Durante esse

tempo, muito foi discutido sobre saúde mental, e dentro desta encontra-se o fenômeno da automutilação; a atual matéria assim como a anterior de Cuminale (2019), caracteriza o fenômeno como o ato de lesionar uma parte do corpo, isto, ocorrendo para diminuir outra dor, a emocional. Na matéria da USP, eles definem a adolescência como uma faixa etária cheia de conflitos internos, sentimentos novos e mudanças hormonais” (COLTRI, 2020, np.), e trazendo na matéria a opinião do psicólogo Lucas Lotério, afirma que. “A quarentena e a tensão provocadas pela pandemia podem agravar o comportamento, principalmente entre os adolescentes que estão privados do convívio social que tanto gostam” (COLTRI,2020, np.). Assim, o profissional alerta para que no seio familiar haja uma maior atenção para com os jovens que possam apresentar algum comportamento “anormal”, durante o período de isolamento social, provocado pelo covid-19.

Ao mesmo tempo que nas matérias é possível ver que a incidência é recorrente na adolescência, uma conclusão final ainda não pode ser vista, isto pois, a adolescência, é um momento único que cada pessoa vivencia de uma forma diferenciada de acordo com a sua subjetividade. Todavia, as pesquisas quantitativas e explicativas assumem um papel de evidenciar os acontecimentos a fim de haver a possibilidade de criação de meios que não somente quantifiquem, mas que possam desenvolver meios de diminuir o acontecimento. Por isso, que a Lei de nº 13.819/2019 sobre a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, tem por objetivo a “prevenção desses eventos e para o tratamento dos condicionantes a eles associados” (BRASIL, 2019a), promovendo a esse público saúde mental.

3. AUTOMUTILAÇÃO: UMA INTERSECÇÃO COM MORTE SÚBITA

Como discutido desde o nosso início, esta produção está focada no tema da automutilação na adolescência. Até o momento, as muitas definições sobre esses dois conceitos foram expostas, todavia, para expressar melhor todas as definições, elegemos uma personagem de uma obra de ficção, pois assim como trazido por Freud (1976) e recuperado por Barbosa Neto e Rocha (2015, p. 156), “o escritor verdadeiramente criativo se antecipa a ciência, embora sem saber, na medida em que descreve a respeito do psíquico”. Sendo assim, sem confundir o campo da ficção com o da realidade, buscamos neste capítulo apenas propor uma reflexão, entre os conceitos e uma obra ficcional.

Morte Súbita (*The casual vacancy*, título original do inglês), é o primeiro livro da autora britânica J. K. Rowling depois de se dedicar por mais de 10 anos a série de livros mundialmente conhecida, a saga *Harry Potter*, livro de literatura infantojuvenil. Todavia, o seu novo livro destinado ao público adulto, em sua primeira orelha do livro traz um pouco do que iria suceder as páginas deste romance “mistérios, intrigas suspense e grandes revelações”, além do mais é completado “a autora nos mostra, página a página, que as pessoas têm muitos, muitos segredos”.

Nesse livro, se fossemos dizer que tem de certo uma história principal, seria sobre a morte do conselheiro Barry Fairbrother, um personagem que ao mesmo tempo que é principal, é também ausente da história. O livro inicia com sua morte, uma morte súbita, e é a partir dela que as muitas histórias irão surgir, dando ao livro o decorrer de uma história que não foi contada, foi somente dada e os espectadores, que observam para saber os seus possíveis desfechos. Das muitas histórias contidas neste enredo, com um início, mas com vários finais, iremos nos deter a uma personagem, ela aparece poucas vezes, mas que irá ilustrar o tema desta pesquisa, Sukhvinder.

Sukhvinder Jawanda uma adolescente de 16 anos, filha de Vikram e Parminder Jawanda, esses são médicos indianos, que no decorrer da história são ilustrados como imigrantes hora bem vindos, outro momento não tão bem vindos no pequeno vilarejo de Pragford. A adolescente por apresentar um quadro de dislexia, acarreta com que não haja um desenvolvimento satisfatório escolar, o que faz com que, principalmente sua mãe Parminder exija mais dela e a compare constantemente com os irmãos. A mesma, mesmo não tendo um apoio da mãe,

consegue de seu pai um pouco de compressão, expresso por meio de um sentimento de compaixão, para com a filha.

Além deste cenário familiar, Sukhvinder é alvo de *bullying* e *cyberbullying*, vindos principalmente de Stuart Wall, colega de turma que à atormenta tanto presencialmente quanto por meios digitais. Mensagens constantes são deixadas em seu mural do *Facebook*, por perfis anônimos criticando-a, pela cor de sua pele; outros posts sobre hirsutismo, sendo assim chamada de mulher barbada, bem como de hermafrodita, além de ser considerada lésbica. É nesse contexto que a adolescente de 16 anos, que está passando pelas transformações físicas e psicológicas, e sem poder contar com o apoio familiar devido a não conseguir alcançar a idealização que sua mãe tem por ela, Sukhvinder adota o hábito de mutilar-se.

3.1 Um corpo “amorfo”

Le Brenton (2007), em seu livro “*A sociologia do corpo*”, sustenta a ideia que o corpo não é apenas biológico, ele nasce e é moldado pelo social, logo, a condição social que ele está inserido é que irá “determinar” o seu molde, ou seja, como ele é apresentado e interpretado pelos constituintes do meio. Porém, que corpo é este que queremos trabalhar.

- A grande hermafrodita fica sentada ali, quieta, imóvel — murmurou Bola, com os olhos pregados na nuca da garota. — **Bigoduda, mas com peitos grandes**. Os cientistas continuam desorientados diante das contradições da **mulher-homem peluda**

- Separada do seu rebanho de **seres barbudos que usam sutiã** — prosseguiu Bola — , ela fica sentada, perdida nos seus pensamentos, imaginando que ficaria bem de cavanhaque. (ROLLING, 2012, p. 125, [grifo do autor]).

Sim, é o corpo adolescente. Um corpo que está em constantes mudanças, e cabe ao seu “portador” a difícil tarefa de o tomar como sendo seu, pois a desordem e “o estranhamento frente a si mesmo e aos outros passa a fazer parte da rotina do jovem que precisa dar conta das intensas mudanças físicas e emocionais em virtude do redimensionamento de sua identidade” (MACEDO, 2012, p.127). É um corpo, que tem o seu espaço invadido “pelas incontáveis modificações fisiológicas que se equiparam a uma vivência de invasão” (MACEDO, 2012, p. 131). Este corpo que ainda fazendo uma intersecção com Macedo (2012), é cenário de

constantes transformações, e nesse meio, com uma visão que “o corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre o coletivo quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna” (LE BRETON, 2007, p. 26). Por isso, a caracterização de um corpo está longe de uma unanimidade, mesmo que, por vezes, se esteja submerso em padrões pré-estabelecidos ao sujeito.

Sukhvinder é diferente dos demais devido a sua etnia, a qual garante a ela características que a faz destacar-se dentro do grupo, mas ao mesmo tempo que a faz ser excluída do mesmo. Pois, existe nesse fenômeno adolescente influência da cultura e da época, o que deixa esse tempo, ainda mais propenso a modificações e idealizações “perfeitas”, exigindo ainda mais trabalho psíquico. Deparar-se com o corpo que lhe é estranho no social e a si, não é uma tarefa fácil, pois o sentimento de impotência se intensifica, sem contar, que essa grande gama de desordem leva ao sujeito a conhecer o que era desconhecido e desejado, e agora perceber que a realidade não condiz com suas expectativas (LE BRETON, 2007; MACEDO, 2012).

Por isso, tomando o corpo como instância de representação psicossocial, teremos o corpo como a “descrição da pessoa, testemunha de defesa usual daquele que o encarna” (LE BRETON, 2007, p.17), o homem não tem mais controle a essa “natureza” – a da constante mudança – gerada. Por isso, o corpo será mais que uma parte biológica, um amontoado de tecidos, ele será um local de projeção passível do meio sociocultural. Portanto, nessa etapa de constantes transformações, resta a subjetividade do sujeito fazer acréscimos, dos moldes que podem ou não lhe serem mais duradouros e constantes, mas que em algum momento fará parte de si.

Todavia, os acréscimos feitos são compartilhados socialmente, é dado pela visão do outro social que compõe a maneira que o sujeito está inserido. Pois, a “corporeidade é socialmente construída” (LE BRETON, 2007, p. 19), logo, as qualidades tanto positivas, quanto negativas que um corpo vem a reconhecer como sendo seu, não nasce de forma privada, mas sim, de maneira compartilhada, gerando nele a apropriação e noção do que é seu corpo. Com Sukhvinder, não foi diferente:

A aversão que sentia por si mesma era como uma roupa de urtigas que picava e queimava por todo lado. Precisava sempre da maior força de vontade para agüentar, para ficar imóvel, para não sair correndo e fazer a única coisa que poderia ajudar. Para agir, tinha de esperar que a família inteira já estivesse na cama. Mas que agonia ficar deitada ali daquele jeito, ouvindo a própria respiração, **consciente do peso inútil do**

próprio corpo feio e repulsivo no colchão. Gostava de pensar em afogamento, num mergulho em água fria e esverdeada, e na sensação de ser lentamente empurrada para o nada...

A grande hermafrodita fica sentada ali, quieta, imóvel...

Deitada no escuro, sentiu a vergonha percorrer todo o seu corpo, como uma erupção ardida. Nunca tinha ouvido aquela palavra até Bola Wall utilizá-la quarta-feira, na aula de matemática. Por conta própria, não conseguiria descobrir o que ela queria dizer, pois era disléxica, mas não ia precisar fazer isso porque ele teve a gentileza de explicar tudinho.

A mulher-homem peluda... (ROLLING, 2012, p. 125 [grifo do autor]).

Le Breton (2007, p.29-30), colabora: “compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica e, assim, destacar as representações, os imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis conforme as sociedades”. Nesses trechos podemos ilustrar o efeito da construção do corpo de forma social, um corpo que é formado no encontro com o outro, ou melhor com os outros, e como nele é depositado “esperas” e “padrões”. A imagem tomada de si, não foi algo imaginado de maneira privada, muito menos o que é socialmente elegível como “o escolhido”. Sukhvinder tinha que suportar não somente as mudanças provindas da adolescência, mas também o fato de não conseguir se integrar ao grupo, pois como na passagem anterior ela estava “separada de seu rebanho” (ROLLING, 2012, p. 125).

O corpo geralmente é imaginado e comparado. Sukhvinder é comparada no livro com sua irmã mais velha, Jaswant, que possuía um corpo esbelto e curvilíneo, imagem do “ideal” imaginado socialmente para a mulher. Mesmo não havendo mais a separação de mente e corpo, eles aqui são tomados como sendo partes indissociáveis, e como fora trazido por Macedo (2012), o corpo adolescente é um vetor de mudanças biopsicossociais, o corpo simbólico passa por esse mesmo viés, o homem é mesclado com o seu corpo, psíquico e social. Todavia, esse mesclar ocorre de maneiras diferentes, em sociedades coletivistas, o corpo tem uma função de unificação, já nas individualistas, o corpo é uma barreira, é o que te separa do outro, é o que te provoca inquietações e constantes investidas externas para as camadas mais internas.

Ainda na passagem acima citada, temos em questão o surgimento pela primeira vez no livro sobre um pensamento que deixa subentendido, ser recorrente: “gostava de pensar em afogamento”, ou seja, uma possibilidade de se extinguir. Isto, lhe é ocasionada – assim como

retratado no livro –, devido aos acontecimentos recorrentes de *bullying* e *cyberbullying*, ou seja, algo de ordem externa, que vem de encontro a ela, e nesse encontro, é algo destinado a falhar, pois nele existe uma desorganização psíquica, em outras palavras, há no sujeito um trauma. O termo trauma, é um conceito freudiano, trazido inicialmente em seu texto “*lembrar, repetir e elaborar*” (1914/1969), e consolidado no texto “*além do princípio do prazer*” (1920/1969); esse pode ser definido como “efeito provocado por situações que o indivíduo não suporta devido a sua incapacidade de assimilá-las, resultando em uma ameaça à dimensão subjetiva” (BARBOSA NETO, 2020, p.3). É algo que é insuportável ao sujeito, pois o desestabiliza, e não é por ele controlado, bem como, o fato de passar pela adolescência.

Tomando a adolescência como um trauma para o sujeito que está a adolecer, vemos que este tempo lógico se encaixa nos moldes desse conceito. É externo, não controlado, desestabilizador, causador de crise e repetição, a fim de uma elaboração. Esse tempo amorfo, por gerar no sujeito uma desestabilização psíquica, e como citado durante o trabalho, a própria adolescência tem como requisito um intenso trabalho psíquico, bem como apresenta-se sendo um tempo que é necessário haver conclusões, a junção de todas essas exigências faz como que, este tempo desestabilize o princípio do prazer (FORTES; MACEDO, 2017; RITER, 2018; JUCÁ; VORCARO, 2018; LOPES; TEIXEIRA, 2019; SILVA; DIAS; 2019).

O princípio do prazer, dentro da psicanálise freudiana, será aqui visto por intermédio do texto “*além do princípio do prazer*” (1920/1969). No texto citado, ele traz a ideia que existe no psíquico do sujeito um modelo de regulamentação mental, no qual, o sujeito sempre estará desenvolvendo estratégias para o retorno do seu prazer, ou seja, o estado menos tensão. Logo, podemos aludir que, os estados de alta tensão será o que irá suscitar no sujeito uma situação de desprazer, sendo necessário uma apaziguação dessa, para um retorno ao estado nulo ou próximo a ele, a fim de conseguir, por mais uma vez, seu estado de prazer.

Sukhvinder tinha acabado de realizar um dos seus rituais diários mais assustadores: abrir a página do Facebook e excluir mais uma postagem de um remetente desconhecido. Assim que ela bloqueava a pessoa que a andava bombardeando com aquelas mensagens, surgia um novo perfil e começava tudo de novo. Nunca sabia quando elas iam aparecer. Hoje foi uma foto em preto e branco, a reprodução de um cartaz de circo do século XIX, que apresentava como uma das suas atrações "A verdadeira mulher barbada". (ROLLING, 2012, p. 148 [grifo do autor]).

Podemos avaliar, nesse pequeno trecho, uma ilustração do além do princípio do prazer, no qual, há repetição de um episódio traumático, todavia, ele não é algo que não se pode avaliar como algo positivo ou negativo, mas apenas como uma repetição para encontrar um estado de menor excitação, mesmo que para isso, seja possível ser por algo que coincide com um gerador de desprazer. No texto freudiano, vemos a ilustração do "além do princípio do prazer", no brincar infantil, o Fort-dá, no qual a criança se põe em prova, provocando em si, a presença e a ausência da mãe, a fim de elaborar o acontecimento, que de fato ocorria (FREUD, 1920/1969).

Todavia, vemos na ação de Sukhvinder que há uma compulsão a repetição, é algo do seu diário, isto pois, “repetir é ato determinado pela pulsão, a pessoa se vê implicada numa espécie de coação, impulsionada a agir de certa forma, embora isso lhe cause intenso sofrimento e falta de compreensão do que seu ato possa significar” (BARBOSA NETO, p.157, 2015). Sukhvinder está punccionada a um ato que lhe é desprovido de significado, pois ela sabe, que mais adiante haverá outras publicações, mas mesmo assim, ele persiste em seu sofrimento, a fim de pôr um fim, em outro sofrimento. Os atos da personagem, mesmo sendo semelhante ao da criança, Sukhvinder não consegue elaborar a situação, havendo somente sua repetição.

3.2 Cobranças do adolecer

Na contemporaneidade, é comum associar à adolescência a um período de transição, sendo demarcado com o final a dependência infantil, como fora trazido por Àries (1975), no qual a independência era provinda da força física. Hoje, a adolescência não é somente uma independência física, mas também social. Será nesse jogo, entre a idade e as vivências que teremos de acordo com Macedo (2012, p. 55) como “a principal tarefa da adolescência, responder a questão ‘quem sou eu’, o que traduz, por si só, a complexidade deste período”. Por isso, como suscitado com Aberastury e Konbel (1981), será nesse momento que o sujeito que está passando pelo fenômeno da adolescência terá que olhar para trás, elaborar seus lutos e projetar-se no futuro.

Logo, discorrer sobre o fenômeno da adolescência por um viés psicanalítico, é romper com a ideia de uma continuidade, ou seja, com o princípio naturalista e cartesiano. A psicanálise vê este fenômeno de maneira singular, ocupando-se em explorar o campo da subjetividade,

principalmente no que está relacionado à construção identitária. Por isso, falar sobre ele, dentro desta epistemologia, “é deparar-se com o tema de rupturas, transformações, reivindicações, solidão, desafios, projetos, sonhos, desesperança, desamparo, angústias, descobertas, ressignificações” (MACEDO, 2012, p. 8). Em cada momento, uma vivência diferenciada, a qual, somente a experiência não dará conta, pois o sujeito está com sua “guarda” psíquica baixa, havendo assim, um bombardeamento de novas demandas externas para o seu interior, causando-lhe uma desestabilização.

Na busca de responder à questão: quem sou eu? O sujeito dá início a uma trajetória que em determinado momento estará “sozinho” e em outro, com alguns de seus iguais. Como já fora citado no decorrer deste escrito, fará parte constituinte deste fenômeno haver um desprendimento do universo familiar e ir em busca de grupos sociais que promovam um encontro com a alteridade, ao mesmo tempo que favoreçam o seu narcisismo, assim, auxiliando na criação da identidade, e no seu se fazer singular. Será um tempo de concluir junto com auxílio da alteridade social, formando seu corpo, condutas e valores (JUCÁ; VORCARO, 2018; LOPES; TEIXEIRA, 2019).

Essa necessidade de concluir sem estar mais tão próximo a família irá se dar pela reedição do conflito edípico, ele agora se atualizou e se passa em um novo corpo e em uma nova configuração psicossocial. O adolescente não se vê mais como um objeto que completa o seio familiar, bem como o inverso que ocorria na época de criança, o narcisismo que antes se voltava para si, agora não mais se sustenta, ele é incompleto e a família também, o que faz com que haja a busca de novos modelos de ideal de eu (MACEDO, 2012). No livro, vemos isso com as atitudes de reprovação e comparação:

Peluda, burra e gorda. Sem graça e desajeitada. **Preguiçosa, segundo a mãe, cujas críticas e irritação desabavam sobre ela diariamente. Um pouco lerda, segundo o pai,** que dizia essas palavras de um jeito afetuoso; isso, porém, não chegava a abrandar o seu completo desinteresse. Ele podia se dar ao luxo de tolerar as suas notas baixas; afinal, tinha Jaswant e Rajpal, que eram sempre os primeiros da turma em todas as matérias.

— Tadinha da Ris — dizia ele, sem maior interesse, depois de passar os olhos pelo boletim da filha.

Mas a indiferença do pai ainda era preferível à raiva da mãe. Parminder parecia incapaz de compreender ou aceitar a idéia de ter gerado um filho que não fosse

brilhante. Se algum professor sugerisse, por menos que fosse, que Sukhvinder devia se esforçar mais, a médica se agarrava a isso com unhas e dentes, com ar triunfante. (ROLLING, 2012, p.149 [grifo do autor])

Nessas passagens há uma ilustração do papel da insuficiência gerada pelo adolescente para com a família e vice e versa. Sukhvinder, não completa e também não é completada, os ideais de eu que a reforçavam narcisicamente, agora, não estão mais no mesmo local privilegiado. Macedo (2012), trazendo a ideia que é na adolescência que ocorre a reedição do conflito edípico, que faz com que a menina desqualifique a figura materna, isso será um dos pontos necessários para a geração da feminilidade. Todavia, foi ilustrado que não ocorre esta desqualificação, mas sim a falta de reforço narcísico mãe-filha, que vem gerar da mesma forma a dolorosa necessidade de separação. A separação não é somente com a mãe, mas com a família, que nela não mais investe. Sukhvinder encontra-se com um sentimento de desamparo, fazendo-a buscar algo ou alguém que possa ajudar em sua necessidade, responder: “quem sou eu?”.

A crítica constante que o público adolescente recebe, cada vez mais o desestabiliza, “os questionamentos atingem uma proporção mais do que aquela com a qual o ego é capaz de lidar” (MACEDO, 2012, p. 33). Esses processos contínuos os deixam imersos em um turbilhão de possibilidades de significações, bem como, tendo a possibilidade também de não significar, principalmente no que se refere ao abandonar a identidade infantil, pois ainda são novos demais para adquirir a identidade de adulto.

— Mãe.

[...]

— Não quero ir trabalhar hoje.

A reação de Parminder foi imediata, seguindo aquele mesmo espírito de contradição que a fizera recusar a viagem a Amritsar.

— Você assumiu um compromisso, Sukhvinder.

— Não tô me sentindo bem.

— Você quer dizer que está cansada. Foi você que quis trabalhar. Agora, cumpra com as suas obrigações.

— Mas...

— Você vai para o trabalho, sim — cortou a médica, e parecia até que ela estava pronunciando uma sentença. — Não vai dar aos Mollison mais um motivo para reclamarem. (ROLLING, 2012, p.438)

O trabalho, aqui entra como um compositor da entrada para a vida adulta, estabelecendo nele, direitos e deveres, é uma possibilidade de ajudar no processo de elaboração desse tempo, ou seja, “um trabalho de elaboração desta perda para um investimento em algo novo: novo corpo, novos pais, nova condição frente ao mundo, enfim, nova identidade” (MACEDO, 2012, p.41), a de ser adolescente. No processo de aquisição desta nova identidade, o sujeito será constantemente invadidos por demandas externas, e a exigência/necessidade do abandono do corpo infantil, bem como a visão de ser totalmente protegido pelos pais, passa a ser modificada, eles deixam de ser heróis, e em determinados momentos, podem se configurar como “vilões”, perdendo-se de vez o status do “papel de criança, cuidada, protegida e dependente, para assumir outro status, com mais responsabilidades e exigências” (MACEDO, 2012, p.42), um status que o garante a entrada em um mundo que o fascina e ao mesmo tempo o aterroriza.

Em meio a esta crise adolescente e a necessidade de elaborar a necessidade de ter um lugar, que o sujeito dará início a investimentos exógamos, pois a família deixou um local vazio, e há neste lugar a inevitabilidade de uma substituição, para que assim, seja passada a ideia de papel “complementar”. É neste encontro extrafamiliar, que irá recair a descarga libidinal que antes era endogâmica.

No quesito “busca de alguém”, vemos em Aberastury e Konbel (1981), Fortes e Teixeira (2018) e Teixeira e Lopes (2019), que a busca por grupos de iguais, sejam configurados por seus constituintes de pessoas que estão vivenciando o mesmo fenômeno, ou que tenha semelhanças entre si, pode ocorrer tanto por grupos físicos ou virtuais. Os grupos ou ciclo de amizades, nesta época de adolescer, tem um fator importante no que se referencia na busca da construção da própria identidade, e o desprendimento familiar, pois haverá agora novos ideais do eu para admirar, bem como ter a possibilidade de encontrar uma via de mão dupla, para os reforços narcísicos.

Ficou olhando para a bancada com aqueles seus olhos, com manchinhas esverdeadas, completamente enevoados, e Sukhvinder a observava humildemente, encantada com a sua aparência, perdida em admiração pela sua vida. Ter um outro mundo ao qual você está perfeitamente integrada, onde você tem um namorado que é jogador de futebol e um grupo de amigas devotadas e descoladas, lhe parecia uma situação

admirável e invejável, mesmo que você tenha sido arrancada de lá à força. (ROLLING, p.307, 2012).

Sukhvinder, que não era mais reforçada pelos seus pais, agora encontra em sua amiga Gaia, o apoio que necessitava. Gaia por um momento serviu para que houvesse a idealização de uma realidade diferente, uma realidade que ela se encontrava distante devido a construção social de seu corpo, via na sua amiga um corpo que não seria por ela alcançado, mas que mesmo assim, por parte de Gaia, não houve empecilho para a criação de uma amizade. Porém, como aqui já foi tratado, durante o fenômeno da adolescência há uma série de inconstâncias, muitas idas e vindas, a fim da construção identitária, por isso, ao mesmo tempo que um grupo ou pessoa possa ser foco de admiração, também é possível de encontrar a reprovação, e não foi diferente no decorrer da história entre Sukhvinder e Gaia.

A traição de Gaia havia sido brutal e inesperada. Agarrando-se com Bola Wall...Agora que tinha Gaia, ele ia largar Krystal. Sabia perfeitamente que qualquer garoto largaria qualquer garota por Gaia. Mas não agüentaria ir trabalhar e ficar ouvindo a sua única aliada tentando convencê-la de que, na verdade, Bola era um cara legal. (ROLLING, 2012, p.462).

Como podemos ver até o momento, há para o adolescente uma série de cobranças e autocobrança, o jovem tem que se adaptar à perda dos pais, do corpo infantil, à cobrança dos grupos sociais e do seu corpo. Macedo (2012) diz que a adolescência é um período no qual se “avança e se retrocede, se ganha e se perde, há prazer e dor” (p.56). Vemos um sujeito na constante busca de responder “quem sou eu?”, ao mesmo tempo que se depara com a tarefa de ressignificar os contextos inseridos, podendo ou não encontrar em si potencialidades. Assim, a adolescência não poderá somente ser vista como um processo de elaboração e ressignificação de lutos, como postulado por Aberastury e Konbel (1981), mas como trazido por Macedo (2012), como um período de elaboração e ressignificação de suas aquisições.

Outro ponto a se ressaltar é a ideia trazida por Jucá e Vorcaro (2018), que vêem a adolescência como um tempo de concluir. Adolescência como um tempo que é possível refletir sobre os impasses do sujeito com o Outro e consigo. Perceber que o jovem que está a adolecer, está imbricado com a cultura de seu tempo, tendo esse fenômeno como uma denúncia do meio que se está inserido, pois ele será parte do seu social. Além de pensar nesse momento como denúncia, vemos Lopes e Teixeira (2018), corroborando com as autoras, assinalando este tempo

como próprio para passagem ao ato, isto pois, somente palavras, agora, são insuficientes para dar conta da grande tensão gerada no psíquico adolescente.

3.3 Um corpo mutilado

A ilustração feita até o momento neste capítulo foi uma preparação para demonstrar o porquê iremos adotar o fenômeno da adolescência como algo traumático. Este fenômeno de grandes reelaborações, não só de perdas, mas também de ganhos, que ocorrem de forma constante na vida do jovem que está a adolecer. Aberastury e Konbel (1981), dizem que a conduta jovem está atrelada a um sentimento de depressão e luto, isto pois, a sua organização defensiva está enfraquecida. Macedo (2012), diz que a adolescência é uma época propensa a comportamentos de risco, partindo da delinquência, mas também convergindo para o ato do suicídio, ou de sua aproximação.

Retomando rapidamente a ideia suscitada por Aberastury e Konbel (1981), sob haver nesse tempo uma baixa na guarda psíquica, atrelado à ideia de Le Breton (2007), sobre o nascimento do corpo de forma social, e por fim de Macedo (2012), no que tange a este fenômeno mudanças nos âmbitos biopsicossocial, temos a adolescência, como um período de grande trabalho e tensão psíquica, no qual somente palavras não darão mais conta, resultando na passagem ao ato. Estas passagens ao ato, muitas vezes ocorrem devido ao fato de estar no jovem um sentimento de desprazer, porém, não iremos aqui nos deter ao princípio do prazer, no qual o sistema psíquico tenta encontrar maneiras de retomar em seu estado de menor excitação, mas sim, nos deter para algo que vai além do princípio do prazer, aquilo, que gera no sujeito um compulsão à repetição, na busca de retomar ao estado de menor excitação, todavia, diferente do princípio do prazer, agora, para chegar no prazer, é possível ser alcançado mesmo com situações de desprazer, aqui, temos a automutilação (FREUD, 1920/1969).

Freud (1920/1969), define uma situação como traumática quando ocorre “quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor” (p.39). Este escudo protetor, é a defesa que o sujeito tem a fim de manter o sistema psíquico em seu estado de menor excitação, caso esse seja rompido ou atravessado, gera automaticamente ao sujeito o sentimento de desprazer. Por isso que, “o conceito de trauma

implica necessariamente em concessão desse tipo de ruptura numa barreira sob outros aspectos eficazes contra estímulos” (FREUD, 1920/1969, p.39). Logo, pensar a adolescência como um trauma, é tomar ela como um evento desestabilizante, capaz de provocar um desajuste no sistema energético do organismo e o pôr em uma constante defesa, porém, defesa do quê? Defesa contra as “rupturas, transformações, reivindicações, solidão, desafios, projetos, sonhos, desesperança, desamparo, angústias, descobertas, reivindicações, ressignificações” (MACEDO, 2012, p. 8).

Araújo (*et al*, 2016) em seu escrito, vem trazer o corpo como um componente de mediação social, o que corrobora com Le Breton (2007), que ao discorrer sobre o nascimento do corpo como um projeto sociocultural, através do qual é possível expressar a fé e os demais marcantes sociais dentro de uma cultura, ou seja, o nascer da identidade. Ainda mesmo autor, vem falar sobre o corpo nos ritos de passagens dentro das culturas, ao mesmo tempo, demarcando que esses foram se extinguindo com o passar dos tempos, e antes o que era feito de maneira coletivizada, passa para o âmbito privado, desprovido do olhar alheio.

A garota [Sukhvinder] havia fechado as cortinas e posto, na parte inferior da porta, aquele protetor que mais parecia uma cobra. Aquela cobra dificultava a abertura da porta, avisando-a se alguém quisesse entrar, já que o seu quarto não tinha chave. Mas tinha certeza de que ninguém viria até ali. Ela estava onde deveria estar, fazendo o que deveria fazer. Ou pelo menos era o que todos achavam (ROLLING, 2012, p. 148).

Nesta primeira passagem, vemos o início do “ritual”, realizado por Sukhvinder, no qual “as manifestações corporais são mais ou menos afastadas da cena pública, muitas delas desde então ocorrendo nos bastidores; torna-se privadas” (LE BRETON, 2007, p.21), desprovido de outros olhares, neste caso, o familiar. Todavia, mesmo que o ritual seja realizado em uma esfera privada, há na ação uma representação em seu encontro ou seu falho encontro com o Outro, havendo nesse momento, uma destinação do que é feito no corpo para alguém. Macedo (2012) exemplifica essa ação com as tatuagens e os *piercings*, enquanto Jucá e Vorcaro (2018), falam sobre a automutilação, questão ilustrada por nossa personagem, que ao tentar esconder, faz-se aparecer.

Sukhvinder era a única ali na sala que não estava fazendo barulho algum. Com as costas encurvadas e a cabeça abaixada sobre o exercício, parecia mergulhada na mais profunda concentração. **Tinha puxado a manga esquerda do casaco até cobrir a própria mão e segurou firme a bainha, formando um punho de lã. Aquela**

completa imobilidade chegava quase a ser exibicionista. (ROLLING, 2012, p. 124 [grifo do autor]).

Há nas expressões corporais a necessidade do olhar do outro, mesmo que tente ser disfarçado, existe nele uma ação “chamativa”, que convoca o outro a destinar sua atenção, com Sukhvinder não é diferente. Contudo, diferente das tatuagens e dos *piercings* que tem um chamamento mais explícito, a personagem na tentativa de esconder, é que a fazia ficar mais visível aos outros. Sobre ela, recaia um olhar curioso, questionador, e que ao mesmo tempo a julgava, construindo ainda mais a sua imagem corporal.

Como neste escrito já citado, Sukhvinder é alvo de *bullying*, *cyberbullying*, é dislexa e não tem apoio familiar. Esses fatores associados com as vivências do adolescer, justifica o porquê queremos nos deter a este fenômeno como algo traumático. Ao mesmo tempo, associando esse tempo, como o mais propenso ao ato, o qual, pode ou não ser provido de alguma significação imediata; aqui tratamos sobre a passagem ao ato que volta para o próprio corpo, logo, se mutilar vem para “expressar aquilo que não pode ser dito em palavras, sendo uma forma de denúncia do próprio sofrimento” (LOPES, TEIXEIRA, 2019, p.294). A personagem, contendo todo seu ritual e sua forma de encontrar um paliativo para sua dor, outra solução desprazerosa, mas que nela é possível chegar em seu estado de menor tensão.

Esperou então que a casa inteira ficasse em silêncio. Aferrava-se à perspectiva do seu único consolo como teria se agarrado a uma bóia, e ficou esperando, esperando até todos irem se deitar...

[...]

Pronto! Agora, não tinha mais perigo. Sentou na cama e tirou a gilete de um furo na orelha do velho coelhinho de pelúcia. [...] Sentou no chão, com as costas apoiadas na parede, arregaçou a manga da camisola e, à luz da lanterna, examinou as marcas deixadas pela sua última sessão. Ainda eram bem visíveis, como riscas escuras no seu braço, mas já estavam cicatrizando. Com um estremecimento de medo, que era um alívio abençoado naquele mundinho restrito do seu sofrimento, posicionou a gilete mais ou menos na metade do braço e cortou a própria carne (ROLLING, 2012, p.153-154).

Na passagem, é possível ilustrar como o ato é visto pela personagem, um ponto de ancoragem e de alívio. Sukhvinder, ao mesmo tempo, ilustra a realização do ato em partes do corpo que não seria facilmente monitorada por seus pais, seu antebraço. Os atos cometidos pela personagem não se remetem a dor sentida no ato de se mutilar, mas retrata ele como um fator

“apaziguante” frente a uma “insuportável tensão interna, com a qual não sabe como lidar” (FORTES; MACEDO, 2017, p. 355), ato é de acordo com as autoras, o encontro de uma via pela qual é possível expressar aquilo que fugiu do campo das palavras. Os acontecimentos desestabilizantes que a personagem tem que lidar em sua trajetória são os causadores de sua insuportável dor, mas não física, a psíquica. Sukhvinder, é incapaz de significar o seu desamparo, encontra então na automutilação um arrefecedor de suas angústias.

A ato de repetir está relacionado com o trauma, esse produz em Sukhvinder uma grande excitação psíquica, que é responsável de acionar medidas para a proteger, fazendo-a assim, voltar ao seu estado de menor excitação. Esse processo ocorre em função da pulsão de morte, que tem por função encontrar um meio de haver uma descarga, fazendo o sujeito retornar ao seu estado menos excitado (FREUD, 1920/1969). Barbosa Neto e Rocha (2015) explica que, para o cumprimento da pulsão de morte, há uma exigência de “descarga a qualquer custo, para isso não importando o nível de sofrimento nem seus efeitos, pois se trata de uma determinação exclusivamente pulsional, isto é, pura intensidade” (p. 157), para a personagem, a automutilação é a repetição para o esgotamento de sua pulsão de morte. “Dito de outro modo, a pessoa não consegue se desvencilhar de traços do trauma, isto é, ela continua implicada nele, numa tentativa de voltar àquele estado de sofrimento, ponto a partir do qual foi interrompido o fluxo da pulsão” (BARBOSA NETO; ROCHA, 2015 p. 157).

Le Breton (2006 *apud* FORTES; MACEDO, 2017), mostra que “a escarificação ilustra uma espécie de jogo simbólico no domínio da dor, opondo a dor ao sofrimento, a ferida física ao dilaceramento da alma” (p. 356), esta tentativa de substituição de uma dor por outra, demonstra a difícil, ou melhor, a falha na elaboração psíquica frente ao trauma. Mesmo Sukhvinder tendo um domínio sobre um desprazer, assim como ilustrado por Freud (1920/1969), no jogo infantil do Fort-dá, nas ações dela há a impossibilidade de elaboração, mesmo permanecendo o caráter apaziguador.

No decorrer do enredo da história de Sukhvinder, foi perceptível observar a questão suscitada por Fortes e Macedo (2017), as autoras observam em seu estudo que existe a ausência de um interlocutor destinatário da mensagem a ser transmitida, existindo assim, não um diálogo, mas sim, um monólogo, eu-eu.

Sukhvinder não contou ao irmão nem à irmã que havia tentado matar aula, nem que Krystal Weedon tinha ameaçado bater nela. Ultimamente o seu hábito de guardar

segredos estava ainda mais forte. Tinha verdadeiro pavor de fazer confidências, porque temia que elas pudessem revelar o mundo de estranheza que vivia dentro dela, o mundo em que Bola Wall parecia capaz de penetrar com uma facilidade assustadora.

[...]

Será que a compreensão do desespero de Sukhvinder poderia, enfim, provocar uma ruptura na desaprovação implacável da sua mãe, no seu desapontamento constante, no seu criticismo empedernido e sem fim? (ROLLING, 2012, p.319-320)

“O sofrimento repetido, insistente e compulsivamente, sinaliza a existência de algo que precisa ser levado ao nível da fala e assim elaborado” (BARBOSA NETO; ROCHA, 2015, p. 157). Todavia, se não existe um destinatário para a mensagem que foi emitida, há então a impossibilidade que o sujeito a reconheça em si a necessidade de elaboração, bem como a de projeção. Sem um destinatário, é impossível colocar em palavras o sofrimento sentido, impossibilitando a exteriorização daquilo que assola o seu interior, a angústia. Logo, no monólogo eu-eu, toda excitação a ser descarregada é voltada para si, como uma espécie de autocomunicação, percebendo que há um desprazer a ser combatido e ao mesmo tempo, percebendo que aquele corpo amorfo, com o qual conversa é seu (FORTES; MACEDO, 2017; LOPES; TEIXEIRA, 2019).

Existe na personagem e nos adolescentes uma necessidade de fala, pois é através dela que será possível a elaboração de seus sofrimentos, ter um interlocutor na conversa além de si é necessário, porém, mesmo sendo necessário, nem sempre é possível. Sukhvinder guarda para si, pois sabe que haverá reprovação dos demais, isto pois, ela se desconhece, está permeada pelos discursos que formam seu corpo, os ideias que formam sua identidade. Existe nela uma confusão, uma constante geração de desprazer, porém sem um local propício para a elaboração. Entretanto, no decorrer da história houve o momento de descoberta de seu segredo, primeiramente por sua amiga Gaia, enquanto trabalhava, por fim, por seus pais.

No hospital, mandaram que ela se despisse novamente. Desta vez, porém, Parminder estava ao seu lado atrás das cortinas. E a garota só se deu conta do erro que tinha cometido quando viu a expressão horrorizada no rosto da mãe; mas a essa altura já era tarde demais.

-Meu Deus — exclamou Parminder, segurando o braço da filha. — Meu Deus.
O que você fez a si mesma?

Sukhvinder não sabia o que dizer. Então começou a chorar e a tremer incontrolavelmente... (ROLLING, 2012, p.472-473).

Mesmo seu antebraço sendo um local “privilegiado”, escondido dos olhos dos pais, um “erro” foi cometido, e sua dor foi exposta. Agora fica em questão, o que os olhos que viram irão fazer? Gaia, sua amiga, anteriormente ajudou a encobrir, mas mesmo assim, atraindo olhares alheios: “Mas o que a garota dos Jawanda está usando por baixo do vestido? Ataduras? — sugeri Miles, apertando os olhos” (ROLLING, 2012, p. 354). Neste caso, mesmo que a princípio haja na atitude de sua amiga, uma intenção de ajudar a acobertar os atos de Sukhvinder, as marcas não deixam de existir. Somente saber sobre o ato não garante uma resolução dos acontecimentos, é necessário haver um espaço para elaboração.

A notícia da morte de Krystal Weedon a deixou tão abalada que os **seus pais decidiram levá-la a um terapeuta. Sukhvinder, porém, nunca mais voltou a se cortar** desde que foi resgatada do rio; o afogamento iminente parecia ter expurgado aquela necessidade (ROLLING, 2012, p.494[grifo do autor]).

Se aqui pode ser escolhido como o (des)fecho final da história de Sukhvinder, é visto a necessidade de um espaço qualificado de escuta. Pois como trazido por Freud (1914), é na repetição que ocorre através da transferência que é possível haver uma elaboração. A personagem, ao conseguir um interlocutor que foi possível significar e colocar em palavras, aquilo que antes fugia de si e a desestabilizava, agora, a repetição não será dada em um monólogo eu-eu, mas eu um diálogo. Ela agora, poderá lembrar, repetir e perlaborar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso pelo qual o estudo foi perpassado desde a historicidade até a etiologia de algumas palavras, tentou-se haver uma ampliação do conhecimento do leitor, ao que se refere a adolescência e a automutilação. Foi visto diferentes significações dentro de diferentes perspectivas, podendo fazer um pouco mais claro que os fenômenos não são únicos, o que existe, são diferentes olhares que sobre ele recai.

O trajeto percorrido pode ter parecido longo para chegar ao grande ou principal objetivo do trabalho, porém, foi algo necessário para atingir a outros, que assim podemos nomeá-los de secundários ou específicos, ou seja, não só caracterizar os conceitos, mas desmistificar o fenômeno (automutilação) dentro do fenômeno (adolescência). Demarcar as diferenças, pode até certo ponto auxiliar nesse quesito, ou até mesmo o mistificar ainda mais, porém, aqui, não é nosso objetivo, mas apenas levantar reflexões a partir das diferenças, mesmo que ao final, tenha sido elegido uma lente de análise, a psicanalítica.

Um ponto que vale ressaltar, é sobre o sentido da automutilação como um sintoma compositor de uma psicopatologia, assim como apresentado pelo DSM-V (2014) e Araújo (*et al*, 2016). Tratamos o fenômeno aqui, como um sintoma, mas não com o mesmo sentido biomédico, mas sim sobre a lente da psicanálise, que o denomina como uma expressão de um conflito inconsciente que o sujeito tem, a fim de lidar com a sua angústia. O sintoma, dentro do texto *além do princípio do prazer* (1920), será aquilo que repete, “é um mais forte que eu”, e que pode ser causador de sofrimento, porém é no mesmo texto de 1920, que podemos ver que mesmo na repetição de um sofrimento é possível encontrar nele um prazer. É um prazer, desprazeroso.

É na repetição do sintoma, automutilação, que o sujeito adolescente se estabiliza, mesmo que ele não seja laborativo como o Fort-Dá (FREUD, 1920/1969). Na automutilação, o corpo é o local privilegiado para expressar aquilo que fugiu das palavras, mas que não deixa de transmitir a sua mensagem: “há aqui uma desordem!”, o corpo será na automutilação como um intermediário do interno para o externo, impossibilitando a divisão mente-corpo, agora ambos é um, fundido em um ser, um que está a adolecer.

Este corpo criado culturalmente, assim como trazido por Le Breton (2007), é gerador de desconforto, pois existe socialmente uma etiqueta a ser seguida, isso faz com que o sujeito perceba em si, que nele há falhas, falhas que o desconforta e o mobiliza para uma modificação, porém, quando não alcançada, é um corpo que pesa e é necessário seu apagamento. O corpo adolescente se torna estranho e estrangeiro ao sujeito, os estigmas sociais cada vez mais o deixam como um ser deficiente. Este corpo que passa por modificações necessita de marcas para ser seu, porém nem todas as marcas são bem vistas socialmente, mesmo ela estabelecendo ao sujeito a ideia de propriedade (FORTES; MACEDO, 2017).

No que se refere a proposta objetiva do trabalho, recaia sobre refletir sobre os conceitos difundidos sobre a automutilação, bem como o de adolescência, e como estes se mesclam em um personagem criado pela escritora inglesa J.K. Rowling, Sukhvinder Jawanda. De modo geral, o resultado do desenvolvimento desta pesquisa demonstra a possibilidade tanto de explicitar os conceitos, bem como fazer a intersecção proposta. A seleção de passagens específicas da personagem, permitiu a ilustração, semelhante com o que é feito com os estudos de caso, porém como foi trazido no decorrer da pesquisa, não existe a intenção de confundir o trabalho de um escritor criativo, e um caso real. Isto pois, foi pela leitura que se definiu o que seria emblemático ou não para ilustrar aquilo que antes era apenas teórico.

De modo geral, mesmo sendo possível alcançar o objetivo aqui proposto, é perceptível a existência de limitações na pesquisa. Aqui, foi realizado uma discussão acerca da automutilação na adolescência, porém, não é um fenômeno único deste período, assim como expresso por Lopes e Teixeira (2019), existe também na população jovem-adulta, e tendo seu principal foco no público feminino. Mesmo de início não sendo apresentado uma lente específica para conduzir o estudo, o que ocorreu de forma proposital, foi possível no decorrer fazer as intersecções possíveis entre adolescência, automutilação e psicanálise, culminando com o caso ilustrativo.

Depois de ser escolhida a lente que conduziria este trabalho, outras limitações foram encontradas, a princípio foi proposto uma discussão somente com os conceitos psicanalíticos freudiano: trauma e repetição. Todavia, ao consultarmos outros materiais, como o livro de Macedo (2012), e os artigos de Araújo (*et al*, 2016) Fortes e Macedo (2017) Riter (2018), Jucá e Vorcaro (2018), Lopes e Teixeira (2019), Silva e Dias (2019), foi possível vislumbrar as possibilidades de associar o fenômeno da automutilação sob a perspectiva de outros conceitos psicanalíticos, tais como, amarramento do nó borromeu, desamparo e masoquismo. Porém, é

com esse furo de limitação teórica, que outros estudos podem ser realizados de maneira mais profunda, indo para além da literatura ficcional, como aqui foi visto, bem como a associação de mais conceitos, ou outras perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A; KONBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Tradução: Suzana Maria Garagory Ballve. Porto Alegre – Artmed editora, p. 92. 1981.

ARAÚJO, J. F. B. et al. O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515. 2016.

AYUB, R. C. P.; MACEDO, M. M. K. A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 3, pág. 582-601, 2011.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaksman – 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1975.

BARBOSA NETO, E. ROCHA, Z. Um corpo marcado, lugar secreto das palavras. **Psicologia, ciência e profissão**. Vol. 35, ed. 1. P. 154-167. 2015.

BARBOSA NETO, E. Trauma e arte: do vazio à elaboração de sentido. **Revista Subjetividades**. Vol.20, ed. 2, p. 1-12. 2020.

BEGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa**: da infância à terceira idade. Tradução: Dalton Conde de Alencar; revisão técnica: Cládia Honschel de Lima. Rio de Janeiro, LTC. p. 570. 2016.

Berni, V. L.; Roso, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, vol. 26, ed. 1. p. 126-136. 2014.

Bock, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, vol. 11, n. 1, p. 63-76. 2007.

BRASIL. Lei nº 6.259, de 30 de outubro de 1975. out 1975. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6259.htm>. Acessado em: 05 de dez de 2020.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acessado em: 05 de dez de 2020.

BRASIL. Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. jun. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9656.htm>. Acessado em: 05 de dez de 2020.

BRASIL. Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Abr. 2019a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2019-2022/2019/Lei/L13819.htm>. Acessado em: 05 de dez de 2020.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Crianças, adolescentes e jovens estão entre os grupos mais suscetíveis ao suicídio e automutilação, apontam

especialistas. 2019b. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/abril/criancas-adolescentes-e-jovens-estao-entre-os-grupos-mais-suscetiveis-ao-suicidio-e-automutilacao-apontam-especialistas>>. Acessado em: 05 de dez de 2020.

BRASIL. Decreto nº 10.225, de 5 de fevereiro de 2020. Fev. 2020. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/decreto/d10225.htm>. Acessado em: 05 de dez de 2020.

CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto; Tradução Magda Lopes. – 3ª ed. – Porto Alegre: **Artmed**, 296 p., 2007.

COLTRI, F. Isolamento social pode agravar casos de automutilação. **Jornal da USP no Ar**. 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/isolamento-social-pode-agravar-casos-de-automutilacao/>>. Acessado em: 09 de mai 2021.

CUMINALE, N. Aumentam os casos de automutilação entre jovens. **Revista Veja**. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/aumentam-os-casos-de-automutilacao-ent-re-jovens/>>. Acessado em: 09 de mai 2021.

Descritores em Ciência da Saúde – DeCs. **Automutilação**. Disponível em: <https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=13038&filter=ths_exact_term&q=automutila%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em: 5 de dez 2020.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa; Tradução Joice Elias Costa. - 3. ed. - Porto Alegre: **Artmed**, 2009.

FLICK, U. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes, revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre - **Penso**. 2013.

FORTES, I.; MACEDO, M. M. K. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, Colômbia, v. 20, n. 38, p. 353-367. 2017.

Freud, S. Recordar, repetir e elaborar (1969). In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad., Vol. 12, pp. 163-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. Além do princípio do prazer (1969). In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad., Vol. 18, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

GIULIANI, C. D. A Construção do conceito de adolescer e o problema relacionado à gravidez na adolescência. **XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo nacional**. p. 1-17. 2013.

HENRIQUES, R. L. S. P. A automutilação nas políticas públicas de saúde mental: um olhar através do biopoder e sociedade disciplinar foucaultiana. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**. v.3, n.6. 2018.

HOLANDA, H. O conceito freudiano de pulsão (Tireb) e algumas de suas implicações epistemológicas. **Fractal: revista de psicologia**. Vol. 23, ed. 2, p. 405-422. 2011.

JUCÁ, V. S.; VORCARO, A. M. E. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 246-252. 2018.

LE BRETON, D. A sociologia do corpo. 2 ed. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis – Rio de Janeiro: **Vozes**. P. 101. 2007.

LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40. 2010.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis** - Florianópolis, vol. 10, Ed. Especial, p. 37-45. 2007.

LOPES, L. S.; TEIXEIRA, L. C. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 291-303. 2019

MACEDO, M. M. K. (Org). **Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 217. 2012.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos Mentais 5: (DSM-5) [American Psychiatric Association], tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. Porto Alegre: **Artmed**, p. 948. 2014.

MICHAELIS, moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: **Adolescência**. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/adolesc%C3%A2ncia/>>. Acessado em: 25 de abr. 2021.

MICHAELIS, moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: **Automutilação**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/automutila%C3%A7%C3%A3o/>>. Acessado em: 30 de abr. 2021.

MICHAELIS, moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: **Mutilação**. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mutila%C3%A7%C3%A3o/>>. Acessado em: 30 de abr. 2021.

MICHAELIS, moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: **Sintoma**. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sintoma/>>. Acessado em: 05 de mai. 2021.

MOREIRA, E. S. *et al.* Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Ciências e saúde coletiva**. vol. 25 nº 10. 2020

Organização Mundial de Saúde. **El embarazo y el aborto em la adolescencia**. Genebra. 1975. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/38325/WHO_TRS_583_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 25 de abr. 2021.

Organização Mundial da Saúde. **Classificação de Transtornos Mentais e de comportamento da CID-10**: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Disponível em: <<http://clinicajorgejaber.com.br/novo/wp-content/uploads/2018/05/CID-10.pdf>>. Acesso em: 30 de abr. 2021.

PANDROV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 Ed. - Novo Hamburgo: **Feevale**. 2013.

QUEIROZ, C. Juventude extraviada: pesquisadores buscam explicações para o aumento nas taxas de suicídio cometido por jovens no Brasil. **Revista Pesquisa FAPESP**. 2019. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/juventude-extraviada/>>. Acessado em: 01 de mai 2021.

RITER, H. S. Automutilação na adolescência: o desamparo e as tentativas de existir. **CEAPIA**, n. 27, p. 101-112. 2018.

ROLLING, J. K. **Morte súbita**. Tradução e edição: Izabel Aleixo e Maria Helena Rouanet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 500. 2012.

SCHINAZI, A. **A concepção de Sintoma a partir de Freud**. Instituto da Psicanálise Lacaniana. 2016. Disponível em: <[http://www.ipla.com.br/conteudos/artigos/a-conce pcao-de-sintoma-a-partir-de-freud/](http://www.ipla.com.br/conteudos/artigos/a-conce-pcao-de-sintoma-a-partir-de-freud/)>. Acessado em: 05 de mai. 2021.

SEI, M. B.; ZUANAZZI, A. C. A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro , v. 28, n. 2, p. 89-108, 2016 .

SILVA, J. C.; DIAS, J. M. O signo da falta: automutilação na adolescência. **Boletim Entre SIS**, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 1, p. 21-30. 2019.

Sociedade Brasileira de Pediatria. **Autoagressão em adolescente**: como posso ajudar?. 2017. Disponível em: <<https://www.sbp.com.br/especiais/pediatria-para-familias/noticias/nid/auto-agressao-em-adolescente-como-posso-ajudar/>>. Acessado em: 07 de dezembro de 2020.

VESCHI, B. Etimologia de adolescência. **Etimologia da palavra**. 2020. Disponível em: <<https://etimologia.com.br/adolescencia/>>. Acessado em: 25 de abr. 2021.